ESTE SUPLEMENTO É PARTE INTEGRANTE DO JORNAL PÚBLICO N.º 10.931 E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

ILUSTRAÇÃO: MARCO NEVES FERREIRA

As perguntas que se fazem em tempo de pandemia. Uma pequena ajuda da filosofia

P4 a 11

Público P2

Índice

E se fossem as crianças o grupo de risco?

O que é meu é teu
Vítor Belanciano

A primeira percepção é importante. Os grupos de risco são os mais velhos e os que têm doenças crónicas. Foi a informação que nos passaram. Desde então, têm surgido inúmeras teses, algumas delas complexificando a versão inicial, com a realidade a mostrar que todos podemos contrair o vírus, embora se mantenha a mesma ideia quando se fala de mortes. Estará para se perceber se, num primeiro embate, não terá sido essa comunicação que nos relaxou.

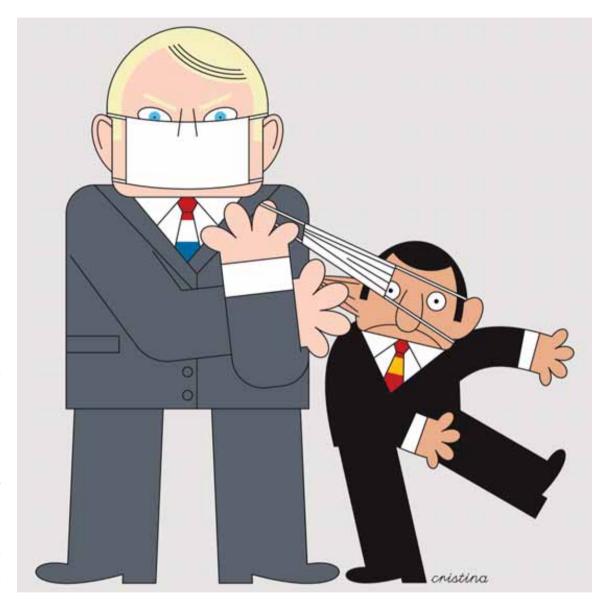
Imaginemos se nos tivessem dito que o principal grupo de risco eram as crianças. As regras de isolamento social não teriam sido cumpridas com mais rigor? Não haveria mais pais e famílias a exigir medidas mais radicais? A saúde pública não seria a máxima prioridade perante a economia? É um exercício especulativo, mas quase de certeza que o sentimento de protecção se afirmaria.

As crianças são preciosas. Se os mais velhos fossem apenas transmissores, mas não potenciais vítimas, seriam mantidos à distância dos nossos filhos, por temor a perdê-los. Assim, prevalecem ambiguidades. Há um século, seria diferente. Parece-nos inexplicável hoje, mas, se um acidente vitimizasse maioritariamente crianças, tal situação produziria menos comoção do que se fossem adultos. Na actualidade, perante um acidente em que a maioria das vítimas são idosos, lamentamo-lo, mas pensamos “do mal, o menos”, porque entraram no ciclo final de vida. Antes, os idosos eram uma perda irreparável, pela experiência, constituindo património seguro. Uma criança era a incerteza. Era como uma página em branco.

A nossa relação com a ciência, a economia e a morte foi-se alterando e hoje isso não é assim. Estes dias têm-nos devolvido isso mesmo. Ainda agora, em plena quarentena, os idosos são os alvos preferenciais. São os teimosos, os desleixados, os que não se isolam apesar de serem o principal grupo de risco, lê-se nas redes sociais, como se a maioria não estivesse com medo e se para tantos deles o afastamento e a solidão não fossem o seu quotidiano. Pior foi aqui ao lado, em Espanha, quando ambulâncias que transportavam um grupo de despejados de um lar por estarem infectados foram apedrejadas e alvo de actos violentos. E o que dizer de responsáveis políticos, do Brasil aos EUA, passando pelo Japão, que sem qualquer pudor dizem que terão de ser sacrificados porque a economia não pode deter-se? Não é isso que está por detrás das afirmações de Trump quando diz que “a cura é pior do que o problema”? Ou a declaração do seu conselheiro, o economista Casey Mulligan, quando proclama que encerrar a actividade económica causará mais danos do que desacelerar a propagação do vírus? Ou ainda o vice-governador do Texas, ao sugerir que os idosos não se importariam de se sacrificar pela economia?

É o regresso da barbárie, com os mais vulneráveis, como sempre, no centro. O paradoxo é que a depressão económica chegará, independentemente disso. A questão é o quão devastadora será. Pior ainda: ao colocarmos o foco nos idosos, ou nos doentes crónicos, é como se estivéssemos a negar a gravidade da situação, inclusive em países como Portugal. Veja-se o que está a acontecer com sectores operários e industriais, que continuam a laborar, quando não parece que sejam essenciais, com dezenas de trabalhadores, muitos deles envelhecidos precocemente e com problemas de saúde, deixados sem opção, indo trabalhar, expondo-se ao risco, numa lógica de contágio que pode ser bem mais impetuosa do que qualquer lar de terceira idade. É por isso que a única opção aceitável é a solidariedade radical, é preservar todos, em nome de todos.

Jornalista

Desalinho
Cristina Sampaio

A seguir
Pedido de estatuto de cuidador informal

Finalmente

Serão cerca de 800 mil as pessoas que em Portugal trabalham como cuidadores informais. Depois de a Assembleia e o Governo terem aprovado o Estatuto do Cuidador Informal, o diploma foi finalmente publicado em *Diário da República* no dia 10 de Março. A partir deste articulado, ficou a saber-se que os cuidadores informais dos 30 concelhos abrangidos poderão formalizar esse estatuto a partir do dia 1 de Abril junto dos serviços da Segurança Social. No âmbito destes projetos-piloto, que durarão um ano, os cuidadores informais terão acesso ao novo subsídio de apoio, que tem o valor de referência de 438,81 euros e será variável em função dos rendimentos. Apesar de ignorado, estima-se que este trabalho represente um valor económico de cerca de 4 mil milhões de euros por ano. Os concelhos-piloto abrangidos são: Alcoutim, Alvaiázere, Amadora, A. de Valdevez, Boticas, C. de Basto, C. Maior, C. de Paiva, Coruche, Évora, F. da Foz, Fundão, Grândola, Lamego, Mação, Matosinhos, Mértola, M. do Corvo, Moita, Montalegre, Mora, Moura, Penafiel, Portimão, Sabugal, Seia, V. do Castelo, Vieira do Minho, Vila Real e Vimioso. Sérgio B. Gomes

Ficha técnica
Director Manuel Carvalho
Directora de Arte Sónia Matos
Editor Sérgio B. Gomes
Designers Marco Ferreira e Sandra Silva **Email** sgomes@publico.pt

O que sobra e o que resta...

Grande angular
António Barreto

Salvar milhões de pessoas. Tratar dos doentes. Lutar contra o contágio. Conter a propagação. Liquidar o vírus. Impedir o seu regresso. Preparar meios para curar os infectados. Descobrir uma vacina. Fazer tudo isto nas melhores condições de equidade. Tratar todas as pessoas igualmente, sem favorecer classes sociais, raça, etnia, religião, origem, idade, sexo, crença ou partido. Esta é uma prioridade.

A outra prioridade é tratar do que vem a seguir. Da sociedade que se mantém de pé. Mas também daquela que fica de rastos. Ocupar-se das empresas, do emprego, do Estado, da educação, da segurança social e da justiça. Da economia que vai ser necessário reerguer. Das instituições a que vai ser preciso dar vida. Da democracia que vai sair ferida. Dos direitos individuais que vão ser diminuídos. Da tolerância que vai sair magoada. Da compaixão que vai ser pisada por muitos. Da informação que vai ser necessário salvar da morte iminente.

Fazer as duas coisas que parecem ou são contraditórias: este é o grande problema. Fazer com que os cientistas e os técnicos, sem se envolver em política, encontrem os remédios e tratem de quem necessita. Mas fazer também com que os políticos façam as leis necessárias, sem se envolver em ciência. Fazer ainda com que os serviços hospitalares e de saúde pública cumpram os seus deveres sem se envolver em ciência nem em política.

Vivemos tempos muito difíceis, inéditos para a maior parte da população, em que é frequente encontrar quem saiba tudo de tudo. Quem tenha soluções para a ciência, a administração, a economia, o emprego, a educação e tudo o resto. “Há que...”, “É só...”, “Basta...”, “O que é preciso é...” estão entre as expressões mais ouvidas nas televisões e mais lidas nos jornais! E o problema é que todos têm direito a tudo, às suas opiniões e às suas asneiras... Como todos têm o direito de viver com ansiedade, de ter medo, de imaginar soluções. Mesmo os tolos que dizem que o vírus é mortal para o capitalismo e os idiotas que garantem que o vírus é o golpe de misericórdia no comunismo: todos têm direito à opinião. As asneiras e as parvoíces de muitos são a liberdade de todos. E isso é o que interessa.

É essencial tratar da doença. Encontrar as suas causas. Inventar a sua cura. Descobrir a vacina. O que se dispensa é quem aproveita para fazer contrabando de política, tão grave quanto os que fazem mercado negro de máscaras ou papel higiénico. Já se percebeu que há quem queira aproveitar para liquidar direitos dos trabalhadores, despedir precários, reformar efectivos, baixar salários, reduzir a segurança social, diminuir os impostos, tudo legalmente e de modo definitivo. Mas também já se percebeu que há quem queira liquidar a iniciativa privada, as empresas, as instituições particulares de solidariedade, o mercado, a liberdade de estabelecimento e de iniciativa.

Dar a prioridade às condições sociais e económicas, como muitos fazem, é ridículo. Ouvir um sermão esquerdista sobre a luta de classes e o sector público, a propósito do vírus, com o maior oportunismo sectário que se imagina, é convite a descrer nas capacidades de inteligência. Considerar que tem de se tratar da questão biológica e médica, sem atenção às condições sociais, económicas e políticas, é miopia indesculpável ou intenção eugenista inaceitável.

> *Algumas das coisas que começarem a ser feitas agora ficarão para sempre. A solidariedade europeia, por exemplo. O que de bom ou de mau se fizer agora ficará para depois. A dimensão do Estado também*

Quem tem duas assoalhadas, sem aquecimento, para seis pessoas, não tem as menores condições para “ficar em casa” e se salvar. Quem vive em lares miseráveis está condenado. Quem não tem meio de transporte seguro não tem acesso a alimentos frescos. Quem não tem instrução não percebe as recomendações. Quem vive nos arredores ou em isolamento não consegue chegar com segurança às instituições. Quem não tem emprego não consegue comprar pão. Quem é despedido não pode tratar da saúde dos seus. Quem tem pensões mínimas fica sem capacidade de acorrer ao que é necessário. Quem vive no limite da sobrevivência não chega ao que já é mais caro e inacessível. Quem não tem meios não pode contrariar os mercados negros que proliferam. Quem não tem *wireless*, telefones modernos, telemóveis à altura, iPad capazes, conhecimento informático avançado e assinaturas de redes, não tem meios para ser informado devidamente. Quem vive sozinho e tem problemas de deslocação fica nas margens da sociedade. Quem tem outras doenças e insuficiências vive em pânico.

É tão difícil combater ao mesmo tempo o vírus, a pobreza, o privilégio e o despotismo! É tão difícil tratar das duas coisas, do imediato e do futuro! Da saúde e da sociedade! Da vida e da democracia! É tão difícil tratar de tudo sem demagogia, sem oportunismo, sem aproveitamento político! É tão difícil deixar à ciência o que é da ciência, à política o que é da política, à cultura o que é da cultura e aos indivíduos o que é deles! É tão difícil impedir que a emergência se transforme em regra! Que a eficácia liquide a liberdade! Que a centralização de esforços se transfigure em sistema de vida! Que a vida e a saúde sejam cada vez mais o recurso colectivista e a mercadoria capitalista! Encarar estas dificuldades ou contradições é o princípio de uma sociedade decente.

Algumas das coisas que começarem a ser feitas agora ficarão para sempre. A solidariedade europeia, por exemplo. O que de bom ou de mau se fizer agora ficará para depois. A dimensão do Estado também. O necessário reforço do Estado na saúde pública e na ciência médica poderá, depois, transformar-se numa monstruosidade burocrática ou numa máquina lucrativa de mercadoria. Se a força do sistema nacional de saúde não for preservada, fácil será voltar ao seu declínio. Se muitos direitos individuais forem contidos agora, podemos ter a certeza de que, depois, será difícil voltar atrás. Se a comunicação social livre desaparecer agora, é certo e sabido que nunca mais voltará a ser o que foi nem o que deve ser. O que fizermos agora com a autoridade do Estado, a liberdade individual, a cooperação europeia ou o fecho de fronteiras nacionais é o que provavelmente ficará para depois.

Não é o vírus que fará o que quer que seja às sociedades. O destino será o que as pessoas quiserem fazer para lutar contra o vírus, pela saúde e pelo futuro. Haverá mais comunismo e mais despotismo se as pessoas quiserem. Haverá mais mercadoria e mais capitalismo se for isso que as sociedades desejam. Não é por causa do vírus que teremos, a seguir, mais liberdade, mais segurança, mais igualdade e mais decência. Se tivermos, é por causa de nós. Se não tivermos, é por nossa causa.

Sociólogo

Na pandemia não há fuga possível. A filosofia pode ajudar?

Reflexões sobre o que vem, o que deveria vir e o que desejamos que venha a seguir à pandemia da covid-19, sobre o medo da morte, quem salvar, ecologia, limites do Estado e a angústia do isolamento. Uma pequena ajuda da filosofia para a quarentena

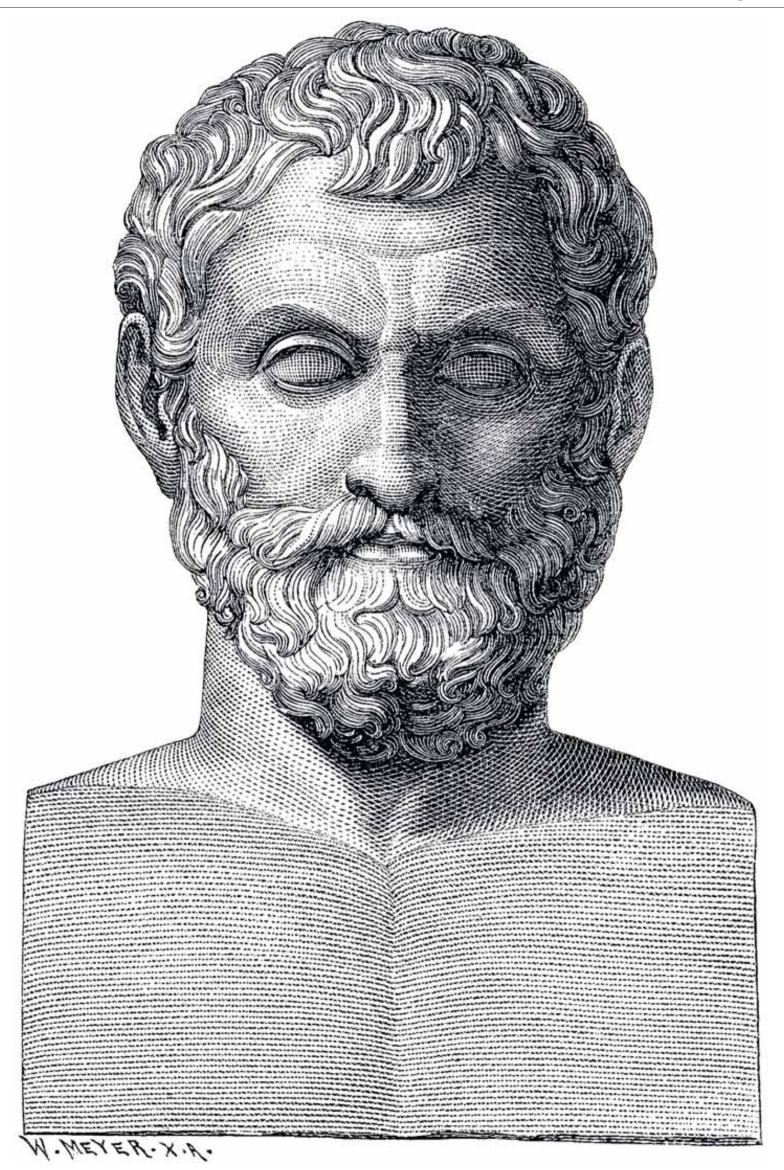
Por Bárbara Reis

Vivemos dias estranhos e uma pandemia com características inéditas, mas as questões que emergem são iguais às de outras crises: o medo da morte, quem salvar, o poder do Estado, o confronto com nós mesmos, as marcas que vai deixar, se a seguir virá um "mundo novo".

Procurámos respostas junto de 11 professores de Filosofia e bioeticistas portugueses, todos fechados em casa de quarentena, do Norte ao Sul e Açores, dos 45 aos 91 anos, de esquerda e de direita, com visões distantes da vida, da sociedade e da própria filosofia. Não encontrará aqui consenso, muito menos a verdade. Em alguns casos, não encontrará sequer respostas. A filosofia, avisa Maria João Mayer Branco, professora na Universidade Nova de Lisboa – e a mais nova de todos os ouvidos pelo P2 – "faz sobretudo perguntas".

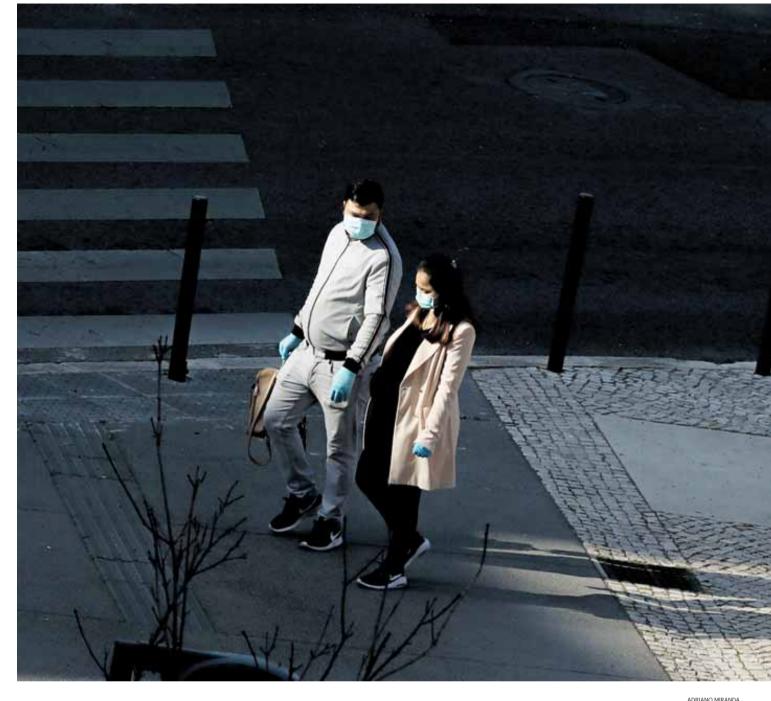
Uns respondem que não haverá um "mundo novo" depois da pandemia da covid-19. A filósofa Maria Filomena Molder, 69 anos, antiga professora na Nova de Lisboa, fá-lo em forma interrogativa: "Entre 1918-1919 (terá começado em 1917 nos acampamentos de guerra), a pneumónica vitimou aproximadamente 100 milhões de pessoas, sobretudo jovens adultos, entre eles Amadeo de Souza-Cardoso. Depois o mundo ficou muito diferente do que era? O nazismo forjou-se no decénio seguinte, tendo o horror dos seus efeitos actuado pelo menos até 1945. Nos anos seguintes, o mundo ficou muito diferente?" António de Castro Caeiro, 53 anos, professor de Filosofia Antiga e Fenomenologia, também na Nova, usa uma forma crua: "As pandemias existem desde as *Historiae* de Tucídides, livro II. Enquanto estiver viva, a pandemia cria ansiedade, muda os comportamentos, é como o dia seguinte a relações desprotegidas ou a uma bebedeira. Depois, dilui-se com o tempo."

As mudanças pós-pandemia

Outros, como José Gil, 80 anos, autor do *bestseller Portugal, Hoje: O Medo de Existir* (Relógio d'Água, 2004) – e que há dias escreveu um ensaio sobre a "angústia da morte absurda" no qual defende que esta crise é "um aviso do que nos espera com as alterações climáticas" –, dizem que ➔

"não haverá um mundo novo, mas um mundo em conflito com forças novas, motivações novas, a manifestarem-se".

Outros, no entanto, antecipam mudanças bem tangíveis. "A nossa maneira de estar no mundo vai mudar", diz Maria Luísa Portocarrero Silva, 65 anos, catedrática da Universidade de Coimbra, especialista em fenomenologia hermenêutica e ética aplicada. "Acentuar-se-á a necessidade da formação ética da maioria das consciências. Temos vivido sob o paradigma estrito da eficácia e rentabilidade. O filósofo alemão Hans Jonas indica [em 1979], em *O princípio da Responsabilidade*, a urgência de uma nova ética apropriada à civilização tecnológica. Hoje esse prognóstico ainda é pertinente e as suas recomendações imprescindíveis." A professora está convencida de que "viveremos uma situação semelhante à de um pós-guerra". Filosoficamente, diz, "isto implica uma tomada de consciência da nossa finitude e da condição falível do humano, apesar dos grandes progressos da ciência". É forte o contraste, nota, em relação ao ponto em que estávamos antes da pandemia, "quando algumas teorias científicas e filosóficas do Ocidente, como o movimento transhumanista, prometiam que em pouco tempo 'a morte seria vencida'".

Para Viriato Soromenho-Marques, 62 anos, catedrático da Universidade de Lisboa e "ambientalista ininterrupto desde 1978" – sublinha –, o problema não é a imortalidade. O que o preocupa é a "doença, talvez mortal e irremediável, da nossa civilização" que "é o delírio da indústria de negação da morte": "Não se trata do aumento da longevidade, mas do absurdo de prometer a duração ilimitada da vida individual, ao mesmo tempo que se destrói sem dó nem piedade o Sistema-Terra que é o suporte fundamental da vida humana". Que mudanças antecipa o filósofo para o pós-pandemia? "A normalidade, como a conhecemos antes, não voltará a reconstituir-se. As forças que nos conduziram a este caos, que apenas está a começar, não estão preparadas para outra coisa que não o aumento da desordem. O 'novo mundo' que nascerá depois da crise, de duração e dimensão difíceis de aquilatar, vacilará entre a entropia e a reforma. Se olharmos para as actuais lideranças das democracias, de Donald Trump e Boris Johnson, a Jair Bolsonaro, passando pelos paroquiais e assustados regedores dos países da União Europeia, é difícil encontrar sequer a sombra da inteligência e capacidade de coordenação necessárias para mitigar os danos e sofrimentos inevitáveis. A possibilidade de colapso por implosão ou fragmentação (da União Europeia, por exemplo) é imensa. O nosso absoluto dever é lutar pela reforma. Precisamos de uma grande estratégia mundial para garantir a paz, reinventando o nosso habitar económico e social da Terra."

Maria do Céu Patrão Neves, 60 anos, da Universidade dos Açores, catedrática de Ética, investigadora de ética aplicada e perita em ética da Comissão Europeia, e que coordenou a colecção de 12 volumes *Ética Aplicada* (Edições 70), fala de "um novo mundo digitalmente formatado". Era um "processo em curso", mas que agora "acelerou vertiginosamente": "O quotidiano tenderá a reinstalar-se, mas novos modos de inter-relação permanecerão. As repercussões serão profundas na organização das instituições, nas actividades comerciais e económicas, com grande impacto no trabalho e na mobilidade". Especialista em bioética, Patrão Neves antecipa ainda "alterações significativas" na prática médica e nas relações sociais (nas quais "a mediação tecnológica irá substituindo as emoções da proximidade física") e "uma maior responsabilização individual pela saúde".

Marcas já visíveis

Também João Cardoso Rosas, 57 anos, professor de Filosofia Política na Universidade do Minho, concorda que haverá um "novo mundo" pós-crise da covid-19. Explica porquê: "É um acontecimento único nas nossas vidas e na História mais longínqua. A globalização faz desta epidemia um evento global. Noutros momentos de acentuada entropia social – epidemias, catástrofes naturais e guerras –, as zonas de crise eram circunscritas e permitiam sempre a fuga a partir de dentro ou o auxílio a partir de fora. Neste caso, a crise está em todo o lado e por isso não há fuga possível nem auxílio externo suficiente."

Cardoso Rosas diz que as marcas da crise já são visíveis a vários níveis: "Nas relações interpessoais nota-se um aumento dos níveis de *stress* e conflitualidade, provocados pela crise e isolamento social. As consequências para a saúde mental da população serão importantes." Além disso, há a clivagem entre gerações: "Os mais novos tendem a considerar-se a salvo e os mais velhos vivem aterrorizados ou resignados. A clivagem geracional está a dar azo a uma clivagem societária geral e perigosa. Ouvem-se de novo ideias malthusianas, mais ou menos disfarçadas, quando se pensa que esta epidemia irá dizimar grupos-alvo, como os maiores de 70 anos, os portadores de doença crónica ou os presos. Ou seja, pessoas consideradas mais descartáveis. O discurso de Bolsonaro enuncia estas ideias de forma clara e

ADRIANO MIRANDA

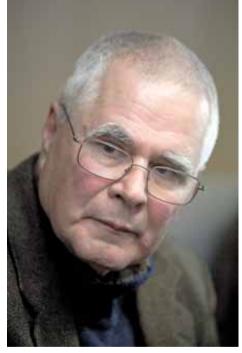
Pensar o momento actual
No topo, turistas numa rua de Lisboa, em tempo de estado de emergência. Em cima, Walter Osswald. Ao lado, em cima, António de Castro Caeiro; em baixo, José Gil e João Cardoso Rosas

DANIEL ROCHA

VITORINO CORAGEM

tipicamente boçal, ao dizer que pessoas como ele, pessoas 'normais', com saúde e atléticas, estão a salvo e, por isso, a epidemia não é relevante."

Na economia, cuja crise terá "consequências ainda não perceptíveis para a maioria dos cidadãos", o professor antecipa que "todas as sociedades irão empobrecer de forma acentuada" e que "a recuperação poderá ser lenta, precisamente porque não há zonas 'fora' da crise". "Para além das mortes pelo novo coronavírus, muitas outras existirão causadas pelo decréscimo de recursos públicos, falências, desemprego e falta de expectativas de vida. A tendência geral das sociedades após uma guerra ou calamidade consiste em voltar às rotinas anteriores. Isso acontecerá, mas desta vez em plena crise económica."

Em termos políticos, se nesta primeira fase "assistimos ao reforço do Estado e à popularidade dos líderes capazes de tomar decisões, quando a crise sanitária for minimizada e o aspecto mais relevante for a crise económica, o mais provável é que, como sempre acontece após uma guerra externa, muitos líderes terão de sair de cena". Outro aspecto decisivo, diz Cardoso Rosas, será "a comparação entre o sucesso dos regimes autocráticos, como o chinês, no combate à epidemia, e a acção dos regimes democráticos": "O regime chinês mostrou as suas limitações (falta de transparência), mas também a sua capacidade (assente em parte na restrição sem pejo de liberdades individuais). Por contraste, os regimes democráticos são mais transparentes, mas têm muito maior cuidado quanto à restrição das liberdades. Se a abordagem democrática tiver claramente menos sucesso do que a abordagem autocrática, isso será um problema no futuro próximo. Muitos regimes democráticos, incluindo na Europa, estão já sob pressões populistas de direita que desejam aplicar políticas nativistas e autoritárias. Se as democracias não tiverem sucesso no combate, poderão entrar em deriva autoritária."

Outra marca política será o acentuar da "tendência paradoxal" para o unilateralismo, em vez do multilateralismo e da cooperação internacional, o que seria lógico numa pandemia global. "Mas não era essa a tendência. Pelo contrário: as crises climática e migratória, que são globais e necessitariam de respostas globais, mostraram uma tendência para o nacionalismo e para as estratégias nacionais independentes."

> *[é preciso] passar da 'solidariedade' para a co-responsabilidade pelo outro*
> Walter Osswald

Também Walter Osswald, 91 anos, médico e professor aposentado da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, ligado à filosofia através da bioética (dirigiu o Instituto de Bioética da Universidade Católica e foi membro do Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida), diz que "a reflexão sobre esta nova experiência deve conduzir a novas perspectivas sobre a realidade e à forma como desejamos viver a vida, a vida boa que Aristóteles e Ricoeur se esforçaram por definir". "Fechado o capítulo da pandemia", diz Osswald, "seria irresponsável fazer tábua rasa do sofrimento, dor e prejuízo para retomarmos os velhos hábitos, a anemia social, o individualismo exacerbado, a tentação do domínio total das forças da natureza, o cientismo acrítico".

Esperança e desejos

Outra forma de responder à pergunta sobre o que vem a seguir à pandemia é falar de desejos: "Não sei se haverá um novo mundo pós-covid-19", diz Maria João Mayer Branco. "Mas ouso esperar que se operem mudanças. Que um profundo questionamento – filosófico, crítico e auto-crítico – tenha lugar e oriente as nossas escolhas." Desidério Murcho, 54 anos, há 12 no Brasil, professor de Lógica e Metafísica na Universidade Federal de Ouro Preto, diz que não é "um sociólogo de bancada" e pede "estudos científicos sérios sobre as sociedades", pois "é tempo de sair da mentalidade pré-científica e obscurantista quando se fala das sociedades, tal como se saiu disso quando se falava dos planetas, desde o tempo de Galileu". João Constâncio, 48 anos, professor de Filosofia e director do Instituto de Filosofia da Nova, também é céptico em relação a previsões e opta por falar do que é "desejável": "Esta crise irá ter (ou já está a ter) uma dimensão comparável com a das crises que se vivem em

tempo de guerra (o que não equivale a dizer que "é" uma guerra). O que isso pode provocar nas pessoas, sobretudo nas mais jovens, é um sentimento do peso, da urgência e da seriedade da vida que contraste em absoluto com a leveza, a descontracção e ligeireza com que se tende a viver hoje nas sociedades que são mais responsáveis pela destruição do planeta. Só um tal sentimento – se for generalizado – pode mudar o muito que precisa de ser mudado no modo como vivemos e nos organizamos. É difícil crer nisso; é ainda mais difícil prever isso; mas é isso que é desejável."

Mas há mínimos que Constâncio consegue prever: esta crise deixará patente a importância da intervenção do Estado na economia e da construção de um Estado social. "Infelizmente, as outras crises – pelo menos desde 1929 – também nos ensinam que o facto de essa importância ficar patente não impede que seja ignorada, sobretudo a partir do momento em que o pior passa. É claro que todos desejamos que as coisas voltem o mais depressa possível ao 'normal'. Mas a covid-19 é um sintoma de transformações planetárias muito sérias – de tal modo que, mesmo que consigamos voltar com rapidez ao que havia antes (porque são descobertos métodos de prevenção e cura ou porque a resposta económico-social dos Estados é adequada – longe de ser certo), há o risco de que uma nova crise surja pouco depois do regresso da normalidade. Há vários dias que me ocorre frequentemente o verso do Rilke: 'Tens de mudar a tua vida', mas dirigido a todo o planeta, não só a mim."

Constâncio foi buscar Rilke, Molder foi buscar Sérgio Godinho. Diz a filósofa: "Claro que muitas coisas mudaram [depois das duas guerras mundiais], não vou enumerá-las, saliento apenas a diminuição drástica da mortalidade infantil. Mas a trama por decifrar entre necessidade e contingência mantém-se. No caso, a avidez mercantil que tende, na época em que vivemos, a tornar-se totalitária e da qual destaco a desenfreada violência exercida sobre a natureza da qual fazemos parte: o número de aviões, cheios de pessoas atarefadas a saltar de lugar em lugar, sobrevoando a terra inteira, brada aos céus. Aqui os ensinamentos da cantiga *Acesso Bloqueado*, do Sérgio Godinho, são insuperáveis. Urgente ouvir."

Medo da morte

Nesta crise sem "fuga possível nem auxílio externo suficiente", somos confrontados com os números de mortes ao minuto: 586.140 infectados, 26.865 mortos, dos quais 100 em Portugal. A lista é mediatizada e actualizada em contínuo: 9134 mortes em Itália; 4934 em Espanha; 3296 na China; 2378 no Irão; 1997 em França; 1478 nos EUA; 761 no Reino Unido (dados de 27-03-2020).

"O medo da morte é indefensável e irracional", diz Desidério Murcho. "O medo de morrer em sofrimento é racional, mas isso deve-se ao sofrimento e não à morte. A morte, em si, é tão irrelevante quanto os imensos séculos em que ainda não existíamos – e que não nos incomodam minimamente." Diz António de Castro Caeiro: "Mal nasces, começas a morrer" (*ab utero matris incipis mori*). Compreender a palavra 'ex-sistencia', como estar a deixar de ser, é compreender o facto não anulável da vida. A partir daqui começa-se a filosofar."

Somos capazes disto? "Não acredito que um número significativo de pessoas seja capaz de sair do seu medo irracional da morte", responde Murcho. "Ao contrário do que afirmou Aristóteles, os seres humanos não são racionais. Alguns são capazes de exercer a racionalidade, com esforço, mas isso é muito diferente de dizer que os seres humanos são racionais."

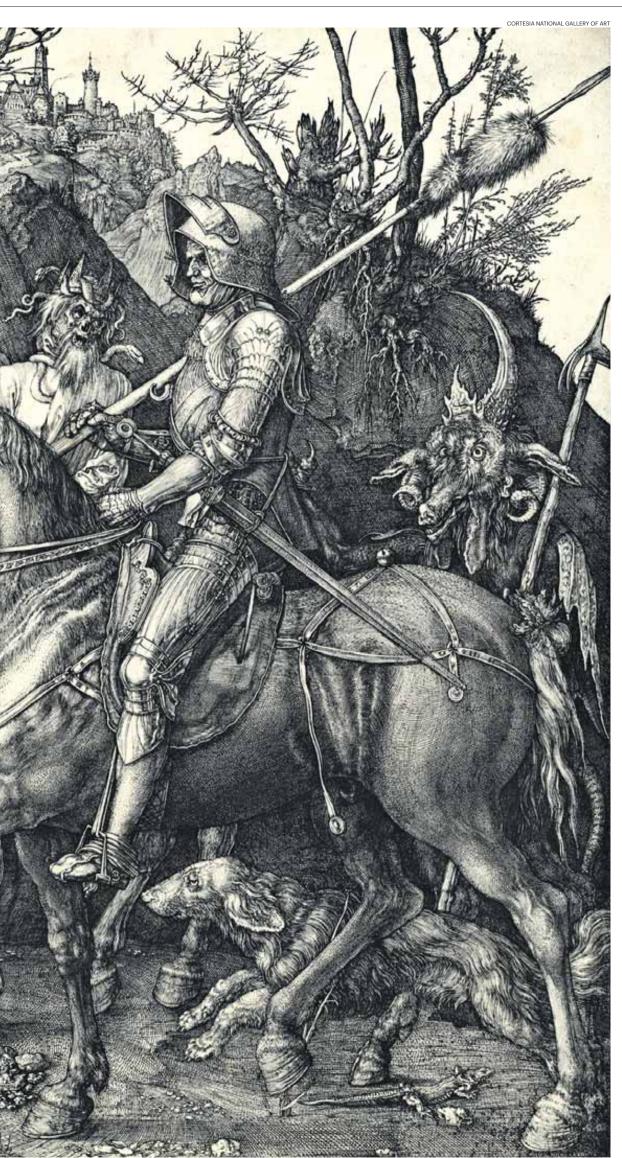
Em condições de urgência e de perigo difícil de controlar, como é o caso da covid-19, os médicos têm de fazer escolhas que não estavam previstas nem pela sua formação nem pelo modo como as regras da saúde estão instituídas
Maria Filomena Molder

É por causa disso, diz o professor de filosofia política Cardoso Rosas, que, numa crise como esta, "dificilmente os governos poderão deixar de ter em conta a pressão da opinião pública – ela reflecte o medo da morte que, como nos ensinou [Thomas] Hobbes, é a paixão política fundamental. O medo tende à dissolução da própria ordem social, ao 'estado de natureza' e, por isso, compete aos governos aplacá-lo e colocá-lo antes ao serviço da adesão à organização política da sociedade. Os governos têm de dar respostas ao medo e ao pânico que dele deriva. Isso acontece de forma mais rápida nos regimes democráticos, mas acaba por acontecer também em regimes autocráticos, como na China – que inicialmente desvalorizou a epidemia. O pânico social tem de ser tomado em conta por qualquer governo. Recorde-se o caso português: o Conselho Nacional de Saúde desaconselhou o fecho das escolas, mas nessa altura já se vivia um ambiente de pânico nas instituições. Depois de ter dito que seguiria a opinião do conselho, o Governo foi obrigado a recuar devido a essa pressão. Noutros contextos, a pressão pública pode funcionar em sentido inverso. Há colégios de especialistas médicos ou instituições médicas que exigem medidas mais gravosas, como nesta fase em Portugal a quarentena obrigatória, mas às quais o Governo resiste devido às consequências na economia e na vida imediata dos cidadãos. Mas se a opinião pública vier a ser convencida da premência da quarentena, o Governo dificilmente deixará de adoptá-la. Seria interessante seguir os países que têm estratégias diferentes da do isolamento social, como a de imunização comunitária. O Governo britânico favorecia essa estratégia, mas teve de abandoná-la por ter compreendido que, face à escalada do número de infecções e mortes que daí resultaria, o próprio Governo não resistiria. A mesma estratégia de imunização comunitária está em curso na Suécia, país com um número de habitantes parecido com o nosso e dados da epidemia também parecidos, apesar de não ter fechado escolas básicas, nem empresas. Também aqui a estratégia pode mudar por pressão da opinião pública, sobretudo face à impotência do sistema de saúde na possibilidade, muito provável, de rápida progressão do número de infectados e de mortos."

Pelo menos desde Platão que "a morte é um tema central na filosofia", diz Constâncio. Daí a dizer-se que essa reflexão ajuda a domar o medo da morte e conduz a uma afirmação da

ENRIC VIVES-RUBIO

CORTESIA NATIONAL GALLERY OF ART

DR

Morte e vida
Na página anterior, a filósofa Maria Filomena Molder; ao lado, *O Cavaleiro, a Morte e o Diabo* (1513), gravura do artista alemão Albrecht Dürer (1471-1528), referida pelo filósofo Friedrich Nietzsche em *O Nascimento da Tragédia* (1872), para exemplificar o pessimismo. Em cima, o filósofo, historiador e filólogo francês Pierre Hadot, autor de *Não te esqueças de viver*, citado por Molder como uma obra capaz de nos ajudar no confronto com nós mesmos, que neste tempo de pandemia poderá manifestar-se mais

vida vai um grande passo. "É algo que não me parece que se deva ousar afirmar."

Já José Gil acredita que a filosofia pode ser útil aqui se se "analisar o medo" e se "mostrar como ele pode ser o grande fantasma paranóico". Feito com "o máximo de racionalidade sensível", o processo "pode reduzir os efeitos [do medo da morte] no corpo e no pensamento": "Pensando-o, tomando-o como objecto, coincidindo com ele novamente, e novamente tomando-o como objecto, até ele perder o máximo da eficácia."

Em *Fédon*, Platão define a filosofia "como uma preparação para a morte", diz Mayer Branco. "Essa preparação é a tentativa de lidar com o medo e com o espanto face ao escândalo que constitui o facto de morrermos". Mas esta "preparação filosófica" exige compreender três coisas. A morte "não acontece apenas em momentos críticos, em 'estados de emergência' – estar vivo é podermos morrer a qualquer momento, ou seja, a vida é a morte iminente em cada instante. A prática desta consciência traz a noção da nossa tremenda vulnerabilidade e do quanto a vida é valiosa, justamente porque a podemos perder a qualquer momento. Além disso, diz a professora, é importante compreender que "a morte é um limite", é "o nosso limite, a linha para além da qual se encontra o ignoto, o estranho, o impensável". Como Kant esclareceu, diz Mayer Branco, "sabemos todos que somos mortais, que somos finitos, que vamos morrer", mas convivemos "com a tese oposta, a de que a nossa alma é imortal, de que não morremos", e "não fazemos ideia do que é que isso significa". E, por último, "a morte é o limite que nos separa uns dos outros e é o que é comum a todos nós, o nosso 'leito comum', como escreveu Sófocles – perante a morte, somos todos iguais, somos todos mortais". "Cada morte é

irredutivelmente singular, cada um de nós morre sozinho. Os humanos são os que sabem, desde muito cedo, que vão morrer: isso distingue-nos dos outros seres vivos. Quando a morte deixa de ser uma abstracção, uma possibilidade remota ou teórica, pode começar a preparação para a morte de que falava Platão, pode começar o exercício filosófico de viver com essa possibilidade diante de si, de a confrontar, de a ponderar, de pensar diariamente nesse impensável que pode estar ao virar da esquina – e não apenas quando um vírus nos ameaça."

"É a morte que permite a grandeza e transcendência humanas que o jovem Nietzsche dizia ser fonte para a 'inveja de Deus'", diz Soromenho-Marques. "A morte é um sinal do mistério da existência." E, por isso, "continua a ser correcta a tese de Montaigne que faz da filosofia uma 'aprendizagem da morte'."

"Embora desde Platão, pelo menos, se tenha pensado que a filosofia era um exercício de preparação para a morte", diz Molder, "e haja os casos supremos de Montaigne e de Espinosa, aqueles que não fazem da morte a finalidade da vida", a filósofa destaca "o pensamento sobre os valores de um grande escritor austríaco, Hermann Broch: para ele todo o esforço humano está em transformar o medo da morte em gesto de dar forma à vida, desde fazer pão a um axioma da matemática. Por seu lado, Soren Kierkegaard fez da angústia um mestre de dança. *Let's dance*, como cantou David Bowie. A palavra de Fernando Gil: 'A vida é um bem, não um facto' pode ser aqui um guia, pois convida-nos a cuidar da vida, o que não é o mesmo que estar apenas agarrado a ela".

A filosofia, diz Patrão Neves, "é um exercício crítico constante acerca de cada um, dos outros, do mundo e do transcendente, num plano interpretativo, racionalmente argumentável": "Reflectir filosoficamente sobre a morte é ganhar a possibilidade de integrar este dado na nossa vida, conferir-lhe sentido e, assim, ganhar poder sobre a morte. A morte deixa de ser um acontecimento extrínseco, para se tornar uma realidade intrínseca à nossa existência. É viver com a consciência de termos os dias contados." Nonagenário, Osswald diz que todos têm medo da morte e que o medo aumenta quando, em casos de "epidemias, desastres naturais, condições inóspitas e diagnósticos 'reservados'", a pessoa se sente "desarmada e sem condições para enfrentar o risco". Mas na pandemia da covid-19, diz, "sabemos que há procedimentos e atitudes que minimizam o risco do contágio e que, se aderirmos a estas regras seguras, contribuiremos de forma decisiva para nos mantermos sãos e não infectarmos outros – o cuidado em preservar a nossa saúde não é egoísta."

Quem salvar?

Outra das questões que emergiram nesta pandemia é a dos médicos que têm de escolher entre quem vão tentar salvar e quem vão deixar morrer, como já acontece em Espanha e Itália. Qual é a resposta mais justa para este dilema, o melhor sistema ético ou como se pesa o equilíbrio de valores?

Maria Filomena Molder: "Respondo com o sentimento íntimo de que [estas perguntas] não podem ser feitas, pois para lhes dar resposta cabal era preciso que o problema estivesse nas nossas mãos. Não nos é permitido perguntar: o que faria eu num caso semelhante? Só na prática real se toma a decisão e aí não se faz a pergunta. Não há teoria que a salve. Na nossa vida trata-se sempre de escolher, de tomar decisões, mas muitas vezes, talvez na

RUI GAUDÊNCIO

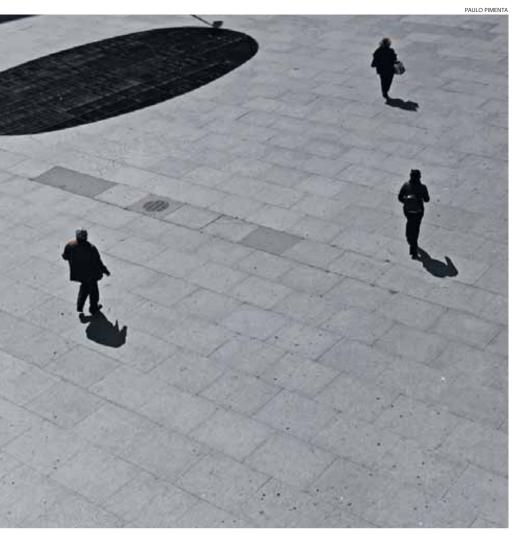
RETRATO DE KANT DE JOHANN GOTTLIEB BECKER (1720-1782)

maior parte, elas não são nossas ou não são só nossas. Em condições de urgência e de perigo difícil de controlar, como é o caso da covid-19, os médicos têm de fazer escolhas que não estavam previstas nem pela sua formação nem pelo modo como as regras da saúde estão instituídas. Se apenas houver meios para continuar a fazer o tratamento a alguns e não a todos os infectados em estado crítico, que poderão eles fazer senão seguirem um princípio intuitivo, uma evidência a que a vida obriga, tentando salvar aquele que está mais preparado para resistir? Esse princípio intuitivo tem a ver com a expectativa e o preenchimento das possibilidades. Aquele que viveu mais anos já realizou mais possibilidades do que aquele que viveu menos. As mães e os pais sabem que os seus filhos estão adiante deles, porque esperaram por eles, isto é, o nascimento é um potenciador de possibilidades. A expressão 'ter toda a vida à frente' aplica-se às crianças e aos jovens, não tem sentido aplicá-la aos velhos. Isso não diminui em nada a aflição sem medida que acompanha as decisões em causa, inseparáveis das limitações dos cuidados intensivos. Há uma desproporção que impede o nosso juízo condenatório. Por outro lado, mesmo o melhor sistema público de saúde não poderia estar preparado para uma pandemia como esta. Ninguém e nenhuma sociedade podem viver sob ameaça constante. A vida não é um conjunto indefinido de gestos e técnicas de prevenção."

O que diz Osswald, médico e estudioso da bioética? "A primeira coisa é não aceitar que se ponha essa questão dilemática. Temos de afastar os exercícios e inquéritos a que às vezes se recorre para exercitar a deliberação ética (do tipo "se o veículo desgovernado for comandado, devemos preferir atropelar uma vendedeira grávida ou um advogado sexagenário?"). Aqui, a resposta, como bem lembrava há dias o professor António Sarmento, que está, com a sua equipa, na primeira linha de combate, reside exclusivamente em critérios clínicos. Assim, se chegarmos a uma situação em que existam vários doentes a ocorrer a serviços e técnicas instrumentais insuficientes para todos, a escolha só pode ser clínica: em face do quadro total (que inclui a idade, mas em que esta não pode constituir um factor decisivo *prima facie*) serão os médicos, em equipa, a decidir as prioridades. É óbvio que aqueles que fossem excluídos teriam que ser encaminhados para outros serviços onde ainda existisse capacidade."

Caeiro também discorda da lógica dos sistemas e dos dilemas: "Não penso que haja um sistema que possa ser aplicado a não ser na base de uma pressuposição. Platão dizia que num navio a naufragar, havia pessoas que deviam ser salvas e outras não em função das vidas boas ou más. Quem sabe se vamos salvar um Hitler?"

O raciocínio utilitarista não garante a jus-

PAULO PIMENTA

tiça. Nenhum sistema o faz. "O mais justo nem sempre é praticável", diz Murcho. "Neste caso, o que seria mais justo não é praticável porque envolve juízos sobre o valor moral dos pacientes: se só podemos salvar uma pessoa em duas, é mais justo salvar a pessoa A, que é generosa, altruísta e deu importantes contributos para outras pessoas, do que a pessoa B, que é egoísta, mesquinha, frívola e de tal modo autocentrada que nunca contribuiu para um mundo melhor. Uma vez que isto é impraticável, é comum os médicos usarem medidas objectivas e isso está correcto. Ou seja, se é mais provável que se consiga salvar a pessoa B do que a A, tenta-se salvar esta, sem mais considerações."

Diz José Gil: "Suponhamos esta dupla situação de pandemia: em situação sanitária controlada, decide-se dar aos mais vulneráveis (idosos e outros) a prioridade dos cuidados médicos. (A decisão contrária seria imoral e indigna). Nesta situação, estava implícito que os menos vulneráveis assegurariam a sobrevivência da população. Mas em situação-limite (uma guerra), em que a população inteira está ameaçada de morte iminente, aceita-se (moralmente) inverter o critério: os mais novos, os que têm mais chances de sobreviver, serão tratados prioritariamente. Entre estes dois casos extremos, toda uma série de situações pode nascer: nela se situam aquelas em que os médicos italianos e espanhóis se encontram. Elas estão muito perto da situação-limite. Porque é que a moral colectiva aceita duas decisões opostas? Porque as circunstâncias mudaram, mas a atitude ética não mudou. Os médicos que decidiram assim não obedeceram à moral estóica, ou cristã, ou kantiana, ou utilitarista. Não decidiram em nome de um Bem absoluto, de uma lei moral ideal ou de um resultado útil, contando as probabilidades de salvação. Mas, em situações trágicas extremas, incorporaram a dor do drama (o sofrimento dos que morrerão), arriscaram ser objecto das interpretações mais maldosas, e agiram no sentido de trazer o máximo de vida à vida da comunidade. Aqui, também, eles foram heróis. Não se deixaram arrastar por considerações estatísticas ou probabilísticas, mas subordinaram-nas a uma questão maior: como fazer para dar sentido (ou vida, é o mesmo), com o meu acto, à ética da comunidade? Nestas situações-limite, o acto é tão poderoso eticamente que traz o máximo de poder de vida possível."

Distanciamento social
Em cima, rua do Porto em tempo de distanciamento social. Ao lado, em cima, o filósofo e "ambientalista ininterrupto desde 1978" Viriato Soromenho-Marques; em baixo, Immanuel Kant (1724-1804)

> *A tendência geral das sociedades após uma guerra ou calamidade consiste em voltar às rotinas anteriores. Isso acontecerá, mas desta vez em plena crise económica*
> João Cardoso Rosas

Isolados e com tempo

Sobre a angústia do isolamento social - e por alguma razão isolar é um castigo das ditaduras e também dos sistemas prisionais das democracias - pode a filosofia dar uma ajuda? Fechados em casa, como viver este súbito confronto com nós mesmos, sobretudo quem vive sozinho?

Uma vez mais, há abordagens diferentes. Murcho diz que aqui "não é tanto a filosofia que nos ajuda, mas a psicologia positiva, que estuda cientificamente quais as actividades e estilos de vida que mais contribuem para que as pessoas floresçam e se sintam realizadas" e que, "para que se sintam realizadas, as pessoas devem entregar-se a actividades que exigem esforço da sua parte, mas que conseguem levar a bom porto – actividades que valorizem realmente e não as que são fáceis. Talvez uma das coisas mais proveitosas que nesta quarentena as pessoas podem fazer é ler artigos e livros práticos sobre o tema".

"Pelo menos nestes primeiros dias de isolamento", diz Constâncio, "muitas pessoas vão descobrir que há muitas actividades que levamos a cabo como fins em si mesmos que têm um prazer intrínseco – um prazer que está na própria actividade e não num fim exterior a ela. A filosofia, a arte, o jogo são assim. Talvez o mundo mudasse se todos descobríssemos isso".

Como? Um primeiro passo é não preencher o tempo com tarefas que nos tornam insensíveis à própria passagem do tempo, diz Mayer Branco. Em vez disso, é bom "relacionarmo-nos com o tempo nu, de um modo íntimo". Isso pode "levar-nos para fora do tempo cronológico, do tempo que o relógio mede", como quando perdemos a noção das horas a conversar, em cogitações com os nossos botões, a ler ou a dançar. "Aquilo a que chamamos tempo manifesta-se de dois modos opostos: o da inexorável sucessão dos minutos, horas e dias (sempre avançando, nunca invertendo a marcha) e o da suspensão (sempre imprevisível) dessa sucessão, na qual o tempo parece parar e ficar concentrado num instante." Mais do que tornar o ócio útil, diz Mayer Branco, "a filosofia pode ajudar a compreender que o que é desejável é um trânsito entre estas duas possibilidades" e que "a experiência de uma não deve anular a experiência da outra, de modo a que o tempo nos ajude a suportá-lo (a suportarnos), fazendo com que nos sintamos úteis, mas não permitindo que os dias se esgotem numa interminável sucessão de tarefas alienantes".

O isolamento social e a quarentena também "trouxeram às pessoas cargas de trabalho adicionais, por vezes excessivas ou até abusivas", diz Osswald, que fala dos "excessos de teletrabalho e de tarefas para alunos", "dificilmente compaginadas com o ócio e descanso reparador ou até com actividades domésticas básicas, como cuidar das crianças e do lar". Por outro lado, "sobretudo aos velhos e solitários, cerceou as possibilidades de preenchimento do vazio existencial, através do convívio (amigos, clubes, lares e centros de dia, organizações eclesiais, desportivas, lúdicas) e do comprometimento participativo em actividades (como o voluntariado). As respostas terão de ser diferentes: os sobrecarregados têm de ver reconhecido o seu direito ao descanso e à distracção, e os que enfrentam o aborrecimento e o vazio das horas têm o direito a esperar que os outros os ajudem a reencontrar sentido para a sua vida solitária." Osswald cita o aforismo de John Donne, segundo o qual "nenhum homem é uma ilha, antes parte de um continente" e diz que "o mandamento", agora, é "passar da palavra 'solidariedade' ao conceito de co-responsabilidade pelo outro".

José Gil lembra que "muito não se pode ainda dizer", porque a crise e a quarentena mal começaram, mas que "há muita coisa a dizer". A primeira: "Este confinamento não é um lazer. Mesmo que haja quem consiga transformar este tempo em tempo de ócio, colectivamente isso é impossível. O tumulto e a catástrofe que desabam sobre o nosso país e sobre o mundo todos os dias não podem deixar de nos angustiar. No entanto, além do que a transformação da vida quotidiana traz de novo ao indivíduo – que muitas vezes descobre uma vida nova (mas nunca sossegada e livre) –, está a formar-se um outro espaço de comunicação entre as pessoas. Trocam-se *e-mails*, poemas, mensagens mais pessoais e próximas, textos, frases nunca anteriormente possíveis. Isto implica uma acção – que se revela necessária, às vezes vital, no fechamento em que estamos. Este espaço colectivo de comunicação (que não é um espaço público ou de opinião pública) vai desenvolver-se e, talvez, modificar um pouco as relações entre as pessoas." A segunda coisa a dizer é esta: "Os filósofos não são 'sábios', detentores de uma sabedoria universal (e de uma ética) a que o Estado e a comunidade deveriam submeter-se. Não têm uma 'consciência moral' mais pura do que o comum dos mortais. A filosofia não dá necessariamente respostas – ajuda a pensar e, nessa medida, eventualmente, a viver. Não se peça aos filósofos o que eles não podem dar."

Quem "vive vergado pelo labor do dia-a-dia" não tem tempo para pedir nada disso nem, diz Portocarrero Silva, "para o espanto filosófico, para as grandes questões da vida, como a morte, o sentido, a virtude, a vontade má, o significado antropológico do político e do religioso". Quem consegue "estar sozinho" pode tentar – nas palavras de Patrão Neves – tornar-se "mais humilde e tolerante perante os outros e mais autêntico e insatisfeito perante si próprio".

Como nos ajuda a filosofia neste confronto com nós mesmos? Maria Filomena Molder: "Há na filosofia quem nos ajude. Por exemplo, Montaigne (que não quis ser olhado como filósofo), Nietzsche ou Wittgenstein, que de si próprios fizeram experimentos. É melhor isso do que ser o resultado de experimentos que outros querem fazer de nós. E ainda Pierre Hadot, de quem foi traduzido há pouco *Não te esqueças de viver*. No título está guardado um programa de iniciação à vida que se desdobra num conjunto de exercícios espirituais. Passo a enumerá-los: 1. Atenção ao presente (a coisa mais difícil); 2. Distanciar-se, inventar um pequeno intervalo entre mim e a minha vida, deixar cair; 3. Alargar o ponto de vista, evitar a parcialidade satisfeita; 4. Imaginar a leveza, isto é, exercitar a esperança. Convida-se à sua leitura."

António Caeiro resolve a questão com uma frase: "Só quem é intrinsecamente livre sobreviverá, quem quis 'ter' coisas pode perceber que é pobre. Só o espírito nos salva."

breis@publico.pt

Renzo

Piano

“O oposto de cidade não é o campo, é o deserto”

Aos 82 anos, o arquitecto italiano tem pensado mais na ideia de raízes. As dele estão em Génova, cidade que ajudou a transfigurar, mas o seu pensamento diverge para as periferias urbanas de toda a Europa, que diz ser urgente humanizar. Do seu promontório junto ao mar, onde criou um atelier que se esconde na paisagem como se quisesse afastar-se do que o rodeia, reflecte sobre a sua obra e conclui: "A arquitectura não muda o mundo"

Por João Pedro Pincha (texto) e Miguel Manso (fotografia), em Génova

"Porquê?", pergunta uma T-shirt pendurada junto a um ramo de flores frescas. Uma bandeira da Albânia esvoaça com a brisa do meio da tarde e um grupo de homens está ali a olhar, aparentemente para nada. "Porquê?", é a pergunta que repetem os familiares daqueles que morreram no colapso da Ponte Morandi, em Génova, em Agosto de 2018. As flores, a bandeira, a T-shirt: pequenos sinais de que o luto ainda existe naquela cidade italiana, pese embora outra ponte esteja rapidamente a tomar o lugar da anterior.

Deste local, uma estreita passagem pedonal a que só se acede saltando por cima de uns blocos de betão, vê-se o imenso vale que a antiga ponte vencia, um rio sem graça, paisagem nem bonita nem feia. A umas centenas de metros, erguem-se grandes pilares arredondados e algumas secções do tabuleiro da nova ponte. Cada uma demorou cerca de oito horas a levar até lá acima. Faltam ainda algumas, incluindo a que ficará suspensa sobre o rio. A mais difícil de levantar.

Dentro de poucos meses, quando estiver concluída, a nova ponte de Génova – assim se designa para já – vai desencadear a transformação de todo aquele vale, onde será criado um imenso parque verde. Apaga-se a trágica memória com regeneração urbana. "Algo de bom fica para a cidade", resume um dos colaboradores próximos do arquitecto Renzo Piano, que ofereceu à cidade o projecto da nova ponte.

Os desenhos e fotomontagens colados na parede de uma das salas da Fundação Piano, nos arredores de Génova, dão uma sensação de irrealidade. Ali a ponte não é mais do que uma linha branca, fina, levíssima, quase desaparecida no que a rodeia. A estrutura que já está montada não é tão idílica, mas percebe-se bem como, apesar de vir a fazer parte de uma auto-estrada muito movimentada, procura afastar da vista os milhares de carros que nela virão a circular.

"Função, mistura, ética, boa construção e um pouco de poesia." É Renzo Piano a descrever o que para si é fundamental num projecto de arquitectura. A conversa decorre no seu atelier, perto da estância balnear de Arenzano, onde criou um refúgio assemelhado a um mosteiro. Dirá, durante a meia hora de entrevista que concedeu ao P2, que tem pensado mais na sua terra natal. "Numa certa idade, começamos a perceber a ideia das raízes. Você é de Lisboa? Eu sou de Génova. Bem, eu moro a maior parte do tempo em Paris, mas venho cá todos os meses. Olhe para a luz, para o mar. Não se trata só de construção, de funcionalidade ou de comunidade. Tem também que ver com poesia. Luz. Espaço. Alma. Isto para mim é uma redescoberta constante."

Prata
Em cima, apartamentos Prata, na zona oriental de Lisboa. Este é, para já, o único projecto realizado em Portugal do arquitecto italiano Renzo Piano, em cima no seu atelier nos arredores de Génova

Crescer por implosão

Renzo Piano, 82 anos, arquitecto com obra feita em todos os continentes. Em Portugal, apenas um projecto, ainda em construção: o empreendimento habitacional Prata, em Lisboa. A sua primeira obra emblemática, de choque, foi o centro de artes Pompidou, uma

espécie de nave espacial que aterrou no coração de Paris.

É também dele o projecto do Porto Antigo de Génova, cidade nascida no mar e para o mar. “Antes da reabilitação, toda esta zona estava fechada, os genoveses não lhe podiam aceder”, explica Alberto Cappato, director-geral do consórcio público-privado que gere o Porto Antigo. O cenário é insólito. Olhando em frente, para o mar, desapareceram os grandes cargueiros, e as mercadorias, substituídas por iates, esplanadas, uma pista de gelo, um aquário e um elevador panorâmico. Atrás, porém, um longo viaduto com quatro vias corta a vista para a cidade velha e nem sequer deixa apreciar convenientemente o belo edifício da autoridade portuária, decorado com frescos de cima a baixo. “A auto-estrada não é bonita, mas temos de viver com ela”, desabafa Cappato.

Porto Antigo
Em cima e em baixo, à esquerda, zona do Porto Antigo em Génova, que ao longo dos últimos anos tem sido devolvida ao usofruto dos genoveses. Em cima, ruas da zona antiga de Génova, com ruas becos e ruas estreitas

Em 1992, para assinalar os 500 anos do nascimento de Cristóvão Colombo, que era genovês, a cidade apresentou-se de cara lavada, o que no caso significou quebrar a separação histórica, física, que sempre mantivera com o seu porto. “Foi uma óptima ocasião para fazer algo ali. Derrubámos aquela barreira. Derrubar barreiras é sempre bom, tal como construir pontes. É bom, é disso que precisamos”, reflecte Renzo Piano.

O Aquário, que serviria de inspiração ao Oceanário de Lisboa, foi uma das primeiras obras a abrir. Ocupa um edifício que se prolonga pela marina onde luxuosos iates convivem com veleiros de todas as dimensões, rebocadores enferrujados, vasos da Guarda Costeira e até casas flutuantes, construídas com contentores. No fim da doca, há uma pequena praça que baloiça, sobre a água, onde no Verão se fazem concertos.

Do outro lado, ficam os antigos armazéns do algodão, agora transformados em centro empresarial e de congressos. O edifício é enorme. No rés-do-chão, há restaurantes, lojas, um cinema. Está tudo ocupado no Porto Antigo, diz Alberto Cappato. “Trabalham aqui 120 mil pessoas.”

“As cidades não devem crescer ilimitadamente, por explosão. Também devem crescer por implosão, pela transformação do que sobra dentro de si”, afirma Renzo Piano. Foi esse o princípio que norteou a intervenção no Porto Antigo. Depois da primeira fase, em que 130 mil metros quadrados foram abertos, está a avançar uma segunda fase, para libertar mais espaço ao usufruto público. “O centro da cidade é muito estreito, por isso esta zona tornou-se a grande praça”, comenta Alberto Cappato.

Combater a periferia

Diz Renzo: “Nas cidades, há muito espaço que sobra, geralmente de caminhos-de-ferro, actividades industriais, militares... As cidades têm uma capacidade imensa. E isto é muito importante porque assim escusamos de construir novas periferias. Se as cidades têm de crescer, devem fazê-lo por implosão e não por um crescimento ilimitado, porque isso é impossível de manter.”

Nos seus mais de 40 anos de actividade, o arquitecto diz ter sempre olhado com especial interesse para essas zonas citadinas a que os ingleses chamam *brownfields*, resultado directo de a indústria ter desaparecido do meio urbano. Fê-lo em Turim, quando transformou a antiga fábrica da Fiat, Lingotto, num gigantesco pólo multifuncional: tem centro de congressos, hotéis, comércio e escritórios. Fê-lo em Milão, ao projectar para a zona da antiga fábrica Flack um grande complexo residencial rodeado por um parque verde.

“Se olharmos para a História das cidades depois da II Guerra, nos anos 1950 e 1960, era só crescer, crescer, crescer. Nessa altura, a verdadeira batalha era preservar os centros históricos. Nos anos 1960, 1970 e até mesmo nos anos 1980, a preservação dos centros históricos era uma actividade fundamental. Bem feita. Por vezes, até exagerada. Em alguns casos, os centros históricos tornaram-se em centros comerciais ao ar livre e perderam a sua essência”, diz Piano. “Hoje, o desafio é ainda mais difícil: como transformar as periferias em locais humanos? É um desafio muito grande, mas muito importante. A primeira coisa a fazer é deixar de fazer novas ➔

periferias. Entre o fim do século passado e o início deste, tornou-se muito claro que isto era inevitável. Não é verdade que a chamada 'escala humana' se mantenha nos subúrbios e seja interessante. Não é interessante, mesmo do ponto de vista social. Hoje, as pessoas acreditam que as periferias são, inevitavelmente, lugares maus."

Renzo Piano chama "periferia" ao Braço de Prata, em Lisboa, para onde projectou há 21 anos o empreendimento que só recentemente começou a tomar forma. Embora seja dentro da cidade, percebe-se o raciocínio. Há uma vasta área entre Santa Apolónia e o Parque das Nações que ainda está expectante. No linguajar de urbanistas, que ainda aguarda ser cosida na malha urbana.

Neste período tão grande de tempo, a cidade mudou muito. O arquitecto anui. E ri-se da espera para ver a obra feita. "Os arquitectos têm de ser pessoas pacientes. Especialmente quando se fazem projectos grandes. Este até nem é o mais longo. A transformação da Lingotto demorou 22 anos."

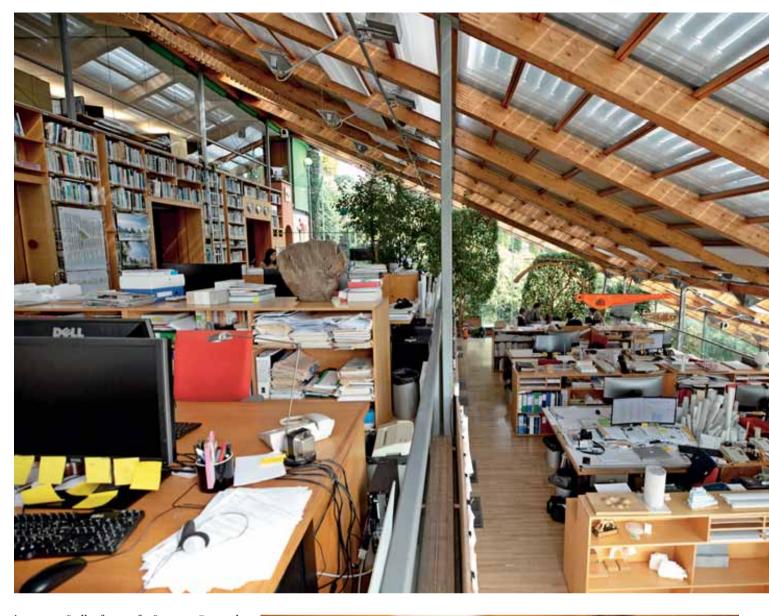
Um "mosteiro" junto ao mar

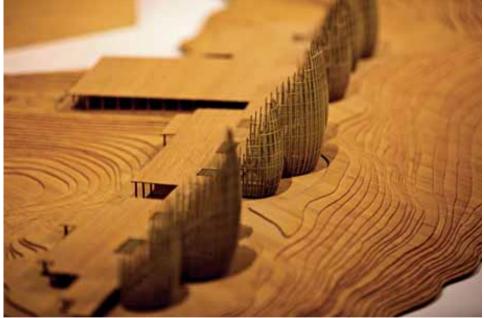
Quando se entra na Fundação Renzo Piano, uma grande casa junto ao mar que funciona como montra do trabalho realizado no atelier no topo da colina, há à esquerda uma grande sala forrada com projectos em curso. Ali é proibido tirar fotografias. As paredes cobrem-se com centenas de desenhos, fotomontagens, textos, fotografias. Há sempre um papel, geralmente pequeno, com o esquisso inicial de Piano, a ideia fundadora que a equipa desenvolverá depois. Muitas vezes não passam de umas garatujas meio indecifráveis.

Talvez não fosse essa a sua intenção, mas o silêncio do local e a cerimónia que o envolve faz lembrar um mosteiro de que Renzo Piano é o chefe, o eremita que se recolhe lá no alto. O atelier e a fundação ficam mesmo à beira de água, quase a chegar a Génova vindo de Arenzano. É, aliás, a única forma de chegar. Depois da queda da Ponte Morandi, em 2018, na região da Ligúria caíram já outra ponte e um bloco de um túnel. Quase todas as estradas das redondezas estão agora em obras, na azáfama própria de quem quer evitar novas tragédias.

Acede-se primeiro à fundação, em baixo, que nos andares de cima tem apartamentos para estudantes e arquitectos deslocados. O atelier não se vê. Só se lá pode chegar através de um funicular envidraçado ou por uma escadaria serpenteante. Por ali acima, há vegetação densa de palmeiras, azinheiras, pinheiros, oliveiras. Os colaboradores de Renzo vão cerimonializando a situação à espera de que lá de cima venha a palavra que permitirá subir. Ela chega por fim. A viagem no funicular, também ele silenciosíssimo, demora uns 40 segundos. Pára mesmo à porta do atelier, um edifício construído na escarpa, em degraus, com vidros em todas as fachadas e no tecto inclinado, protegido do excesso de sol por persianas.

Um construtor de abrigos

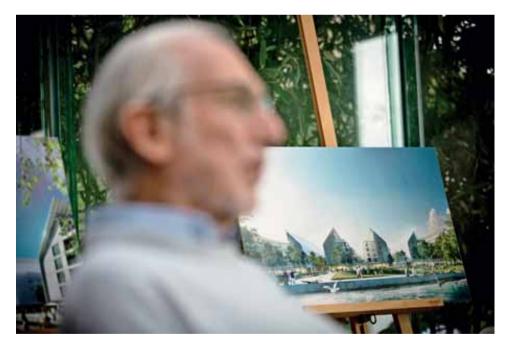
Voltemos a Lisboa, que Renzo Piano menciona de passagem para chegar a outras reflexões. "Se um arquitecto faz uma coisa mal, é para sempre. Temos um trabalho de muita, muita, muita responsabilidade. Se alguém faz má música, ninguém ouve e pronto. Se eu faço algo errado, é errado para sempre ou, pelo menos, durante muito tempo." É por isso que não lhe faz confusão que o Braço de Prata esteja a ser uma obra tão difícil de concretizar. "Fazer projectos novos numa cidade é sempre muito complexo e há que ter em conta muitas, muitas, muitas coisas. A função, claro, mas também a construção. Tem de ser boa. Um arquitecto é um construtor de abrigos para seres humanos, por isso a construção tem de ser boa. Mas isso não chega, há que ter praças, sítios onde as pessoas se sintam felizes por estar, onde a comunidade possa florescer."

No empreendimento Prata, cujas obras decorrem actualmente em dois lotes, estão previstos fogos de habitação, escritórios, lojas, um bosque central e um edifício para uso público, que ainda não tem uma função claramente definida. Foi de Piano a ideia, controversa, de tirar os carros da frente do rio, obrigando os automobilistas a inflectir para o interior da cidade. Também foi ele que propôs a criação de um jardim no local da antiga estrada – o Parque Ribeirinho Oriente, desenhado pelas arquitectas paisagistas Filipa Cardoso de Menezes e Catarina Assis Pacheco, abriu há poucas semanas.

Renzo crê que o seu projecto não segrega, antes se integra na tradição europeia de mistura. "A urbanidade é uma grande invenção. A urbanidade acontece quando os lugares não são monotemáticos ou monofuncionais. A urbanidade implica mistura. As cidades europeias são lindas quando são assim, quando conseguem uma mistura de gerações, de usos. As cidades são uma grande invenção. Com alguns problemas, é verdade, mas uma grande invenção. O oposto das cidades não é o campo, é o deserto."

Retiro genovês
No topo, aspectos do *atelier* de Renzo Piano nos arrabaldes de Génova. Em cima, maquete do Centro Cultural Jean-Marie Tjibaou, em Noumae, Nova Caledónia, uma das obras mais icónicas de Piano; à direita, nova ponte em Génova, da autoria do arquitecto genovês, que doou o projecto à cidade

No entanto, deixa para o poder público a resolução dos actuais problemas de habitação sentidos nas principais capitais europeias. "O maior desafio é como manter no mesmo local pessoas com rendimentos diferentes, porque a tendência é haver segregação. E isto depende muito das políticas tomadas pelas cidades."

Mudar o mundo

A meia hora prometida vai-se esgotando e, quando ainda faltam vários minutos para se cumprir, os colaboradores de Piano vão fa-

zendo sinais e tentando interromper a conversa com vários “*Sorry...”,* que acabam pendurados porque o arquitecto não parece disposto a calar-se já.

É o momento de revisitar o Centro Pompidou, ainda e sempre a sua obra mais conhecida e controversa. Passaram quase 50 anos, Renzo Piano de nada se arrepende. Diz, aliás, a propósito de um centro cultural que projectou para Moscovo e que está neste momento a ser construído, que a sua atitude não mudou. Talvez tenha ficado um pouco mais bem-educado, ri-se. “Eu e o Richard Rogers [co-autor do Pompidou] éramos uns *bad boys*. Tinha 33 anos e ele uns 36 ou 37. Éramos *bad boys*, se calhar um bocado mal-educados, mas não éramos estúpidos.”

Pôr um edifício daqueles numa cidade daquelas foi um gesto de rebeldia e extravagância. Que se justificava, defende Piano. “Foi pouco depois do Maio de 1968, era um momento muito especial. Os museus eram sítios muito poeirentos, só para a elite. Eu próprio, que nessa altura vivia em Londres, gostava muito de arte, de música, mas não estávamos habituados a ir a museus. Museus eram sítios intimidatórios. A nossa reacção foi extrema, sim, exagerada, claro.” Mas ter sido o Pompidou a inaugurar a forma como se exibe arte contemporânea ainda hoje é uma ideia que lhe é difícil aceitar. “Não creio que aquele edifício tenha mudado a forma como se exibe, foi apenas a face visível de uma mudança que estava a acontecer”, diz. Com 7500 metros quadrados em cada um dos dez pisos, o centro de artes é como um grande hangar, totalmente despido, totalmente flexível, uma vez que toda a maquinaria que o faz funcionar foi posta do lado de fora. “É como uma pequena aldeia. Em vez de criar uma sensação intimidatória, cria uma sensação de curiosidade”, acredita.

“O Pompidou veio responder a uma necessidade que muita gente sentia naquele momento. Isto é o que faz a arquitectura. A arquitectura não muda o mundo. Tal como um jornal não muda o mundo. Mas um bom jornalista ou um bom arquitecto testemunham a mudança. Com a sua profissão, escreve sobre a mudança. Com a minha, construo-a. Fazemos o mesmo.”

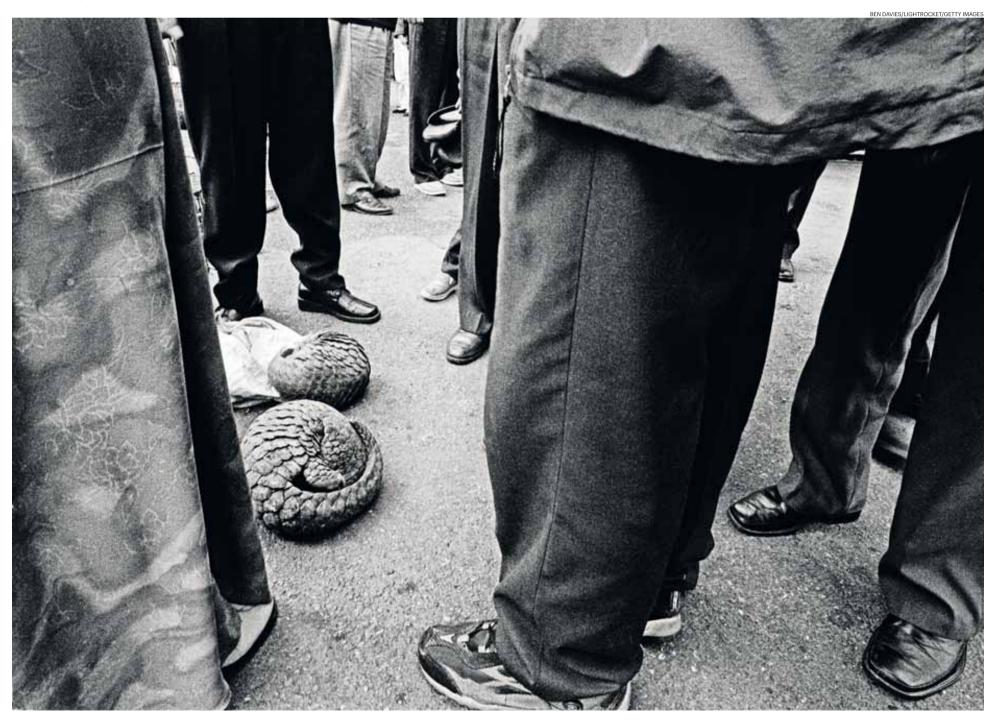
joao.pincha@publico.pt

O PÚBLICO viajou a Génova a convite da VIC Properties

O pangolim e nós

Opinião Um olhar atento sobre a origem do novo coronavírus revela que este pode ser consequência directa de uma relação insensata com a natureza. Talvez não seja só coincidência que o animal que transmitiu o vírus aos humanos, o pangolim, se encontre em perigo de extinção

Por Graça Castanheira

BEN DAVIES/LIGHTROCKET/GETTY IMAGES

O pangolim é o animal selvagem mais caçado do planeta e encontra-se em risco crítico de extinção. A hipótese, até agora incontestada na comunidade científica, é a de que os morcegos terão transmitido o vírus SARS-CoV-2 (responsável pela doença covid-19) aos pangolins e estes aos humanos. Vale a pena perceber em que contexto é que este animal, estranho e adorável, nos terá transmitido o vírus que parou o mundo. A contaminação ter-se á dado num mercado de Wuhan, China, com uma área de animais selvagens que são pré-vendidos ainda com vida para serem recolhidos, já mortos e esquartejados, cerca de 15 minutos mais tarde. Nestes mercados, cada exemplar vivo de um pangolim pode custar 600 dólares e é apreciado por inteiro: primeiro ferve-se em água para lhe serem extraídas as escamas que, depois de tostadas, moídas e cozinhadas, são usadas na medicina tradicional chinesa para curar malária, surdez ou reumatismo. A carne, geralmente estufada com gengibre e citronela, confere *status* a quem a serve.

O negócio da caça furtiva de pangolins rende milhões de dólares, resultantes do abate e captura de toneladas de animais por ano. Mas um olhar atento revela que o negócio é maioritariamente intermediado por comunidades pobres que encontram no tráfico de animais uma oportunidade de subsistência. Nos mercados de animais selvagens vivos, misturam-se de forma caótica seres capturados em ecossistemas muito diferentes entre si, o que, somado ao stress e baixo nível imunitário dos animais, cria o ambiente certo para a transmissão de vírus intraespécies. Seguem-se transmissões zoonóticas; os vírus passam dos animais para os humanos. E eis-nos aqui chegados.

Em resposta à crise da covid-19, o Governo chinês emitiu uma "Proibição Abrangente do Comércio Ilegal de Animais Selvagens, Eliminando os Maus Hábitos do Consumo de Animais Selvagens e Protegendo a Saúde e a Segurança das Populações" — onde interdita todo o comércio e ingestão de animais selvagens não aquáticos. Mas é omisso relativamente à produção e/ou captura de animais selvagens para fins medicinais, comercialização de peles ou investigação. Ou seja, as escamas dos pangolins vão continuar a ser procuradas. Não questiono a eficácia do medicamento obtido através destas escamas, pergunto se não será hora de o sintetizar em laboratório, evitando a extinção de mais uma espécie animal.

Vazio fisiológico

Os pangolins têm um gosto pouco variado, alimentando-se apenas de térmitas e formigas, sendo capaz de as farejar até 2 metros abaixo da terra, de as comer com uma língua do comprimento do seu próprio corpo, consumindo uma média de 70 mil formigas por ano. Em zonas da Ásia em que o pangolim entrou em extinção, as colónias de formigas-cortadeiras triplicaram, com consequências severas para a vegetação autóctone. São animais afáveis, que para protecção se limitam a soltar um cheiro nauseabundo e a enroscar-se em si próprios, ficando a parecer uma bola de escamas reluzentes. Sabendo do imenso fascínio que os humanos nutrem por bolas, é fácil perceber que na sua singularidade passiva, os pangolins se tenham tornado objecto de cobiça. Depois de séculos de predação, que aumentou exponencialmente ao longo do século XX, a existência dos pangolins é hoje assegurada na lei, mas são organizações no terreno que os protegem activamente da captura ilegal.

NURPHOTO/GETTY IMAGES

Na tradição chinesa, existe a convicção de que é preciso preencher um vazio fisiológico, uma quebra na energia do corpo, que ocorre principalmente no Inverno, a que se dá o nome de *jinbu*. Acredita-se que este vazio seja preenchido com o consumo de animais selvagens, sendo o efeito mais tonificador se consumidos imediatamente depois de mortos. Pode não ser coincidência que tanto o surto de SARS (2002-2003) como o da covid-19 tenham eclodido durante o Inverno, estação em que o *jinbu* se faz mais sentir e cresce o consumo de animais selvagens.

Estas práticas, de perfil quase medieval, repetem-se um pouco por todo o mundo e exigem de nós gestos éticos e reparadores. Não basta declarar guerra ao vírus, como têm feito (quase) todos os dirigentes políticos mundiais, desconsiderando que esta pandemia, bem como todas as anteriores, são consequência directa da intrusão perigosa e dessensibilizada dos humanos nos ecossistemas terrestres. No interior destes desequilíbrios, os vírus encontram forma de saltar barreiras imunitárias e expandir-se. E se se trata agora de nos livrarmos de um deles, convém sabermos que a exposição foi nossa, reconhecendo a relação causal entre os nossos actos e a sua presença.

De qualquer modo, tratando-se então de uma guerra, talvez fizesse sentido desviar parte do orçamento gasto no sector militar para combater as causas últimas destes desequilíbrios sistémicos. Reforçar infra-estruturas que permitam a saída da pobreza e investir em novas; promover a educação ambiental das populações para que estas possam fazer escolhas informadas; combater no terreno a caça furtiva e as causas que a possibilitam. Se travar esta guerra se resumir a investir milhões numa vacina, estaremos a curar uma pandemia sem cuidar de prevenir a próxima, que pode vir a ser mais letal e mais gráfica, nos sintomas e na morte. As nossas vidas podem vir a tornar-se um drible infernal de doenças endémicas.

> “
> *Este vírus obrigou-nos a tomar medidas globais que, num futuro (muito) próximo, vamos ter de adoptar voluntariamente*

A covid-19 parou o burburinho e a azáfama. O recolhimento a que nos obrigámos, #ficaemcasa, permite-nos olhar para o mundo (quase) sem nós. Durante este tempo de clausura, chegam-nos ao telemóvel imagens e vídeos que nos fazem dar gargalhadas ou trazem lágrimas aos olhos. Chegam-nos mensagens com dados estatísticos, curvas em gráficos, que agora sabemos ler e que mostram como a Terra e a atmosfera estão a recuperar sem o peso das nossas movimentações desconcertadas. O espaço telemediado que nos tem vindo a permitir estarmos próximos espelha o quão juntos e a respirar o mesmo ar estamos na realidade. Talvez assim o conceito de casa comum se torne mais tangível para a larga maioria dos habitantes do planeta.

Mal se ache uma aberta, vamos querer regressar às nossas vidas e, para isso, voltar a confiar nas estruturas sociais e políticas existentes. E aqui começa o problema. Tudo mudou dentro e fora de nós, mas as estruturas serão as mesmas. Vamos acordar para uma realidade que, perante desafios prementes, nos vai parecer um filme de época: esquerda e direita, democratas e republicanos, progressistas e conservadores — nada nos vai soar suficientemente moderno ou urgente.

Talvez por isso seja o momento — até porque pode não vir a existir outro — que a definição de políticas, em todas as áreas da acção humana, seja antecedida pela leitura diligente do relatório *IPCC Special Report on the impacts of global warming of 1.5°C*, das Nações Unidas, onde se aponta uma janela de 12 anos para evitar um aquecimento terrestre superior a 1,5º — o que ainda assim só deixará 30% dos corais marinhos vivos. O relatório é rico em explicações e em cenários alternativos, ilustrados de forma clara. A evidência mais repetida ao longo das suas páginas é a de que quaisquer soluções dependerão da capacidade de operar de forma síncrona e orquestrada. Dependendo da vontade integrada dos humanos, 12 anos terão de ser suficientes. Este vírus obrigou-nos a tomar medidas globais que, num futuro (muito) próximo, vamos ter de adoptar voluntariamente. E nesse sentido pode ter a utilidade de um ensaio geral.

Regresso aos pangolins, deixando expresso o desejo de os saber crescidos e multiplicados, para grande terror das formigas-cortadeiras, mas para bem de todos nós. O espaço de reflexão sobre a relação dos humanos com os animais tem de ser ampliado, discutindo mesmo se os animais podem continuar a ter um papel central na alimentação humana, tendo por ponto de partida o relatório das Nações Unidas. Na realidade, teremos de em breve chegar a um contrato com o planeta, de que o *Green New Deal* dos democratas americanos pode ser um primeiro esboço — ainda que este por enquanto não refira o contributo da produção de mamíferos na emissão de gases e na desflorestação. Sem um contrato, a falta de qualidade do espaço comum, provocada por um vírus, por poluição ou pelo aquecimento global, nas suas infinitas manifestações, vai comprometer qualquer ideia de salvação individual ou grupal. Os ricos e os muito ricos continuarão a ter ilusões de superioridade, mas o ar sobre a ilha remota que comprarem vai ser o mesmo. Sem um contrato sério com a Terra, resta-nos enriquecer e comprar assento numa nave de Elon Musk em direcção a Marte. Desejo sorte aos viajantes — vão precisar dela — mas não os invejo. Em Marte, há metano no ar, faz muito frio (-127ºC com máxima de 20ºC), há violentas tempestades de poeira sobre extensas rochas de basalto negro e o pior, para pessoas muito ricas, é que não existe em Marte uma única planta, um único animal, nenhum oceano e nenhuma classe social inferior — nada que sugira ou assegure uma rica vida. Na verificável ausência de um planeta B, nenhuma solução passa hoje por regimes de excepção ou por formas declaradas de privilégio. E, felizmente, não existe fortuna capaz de comprar o oxigénio da Terra toda.

Depois desta travagem brusca e niveladora, sucede-se a era pós-covid-19 — que pode bem vir a ser o princípio do fim do capitalismo tal como o conhecemos. Nessa era d.C, tente-se perseguir, sempre que a *hubris* humana deixar, um belíssimo e muito antigo mandamento, uma regra de ouro, transversal a todas as religiões: fazer aos outros o que gostamos que nos façam a nós. Com uma adenda: que esta alteridade inclua os sistemas naturais. E talvez armados dessa nova atitude, mais sensível, possamos começar a falar de humanismo. Até lá, ter cuidado, não morrer e não matar.

Realizadora

Portfólio

São, ao mesmo tempo, perturbadoras, paradoxais, raras e melancólicas as imagens de cidades que a pandemia tornou vazias. Onde antes havia azáfama e quotidiano, instalou-se a amplitude dos espaços, a quietude e a expectativa. Não são cidades-fantasma, mas o desaparecimento do frenesi que define as urbes tornou-as contraditórias com a sua natureza. O estado de emergência é reavaliado esta quinta-feira

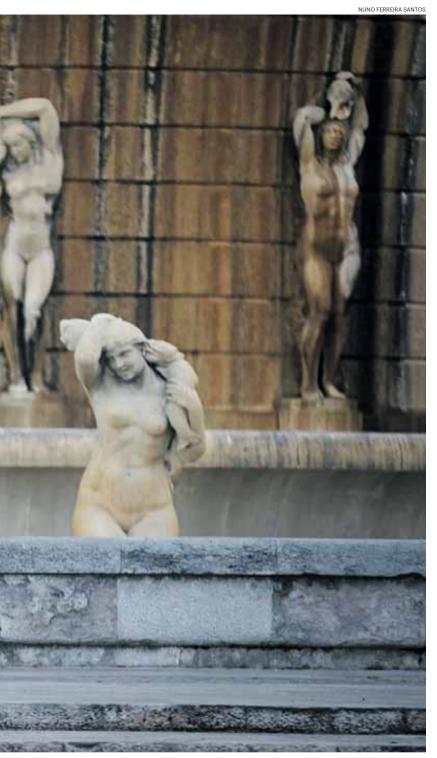
ADRIANO MIRANDA

O vazio melancólico das cidades e a ubiquidade das máscaras

NUNO FERREIRA SANTOS

DANIEL ROCHA

MIGUEL MANSO

RUI GAUDENCIO

Quase ninguém

Em cima, à esq., desinfecção da Fonte Luminosa, Lisboa; no topo, Museu Nacional de Arte Antiga; em cima, Terminal de Cruzeiros de Lisboa, de onde foram repatriados milhares de turistas que viajavam no *MSC Fantasia*; em baixo, uma transeunte na Ribeira, Porto; ao lado, Rua do Carmo, Lisboa; à esquerda, trabalhador da Junta de Freguesia de Aradas, Aveiro

PAULO PIMENTA

NUNO FERREIRA SANTOS

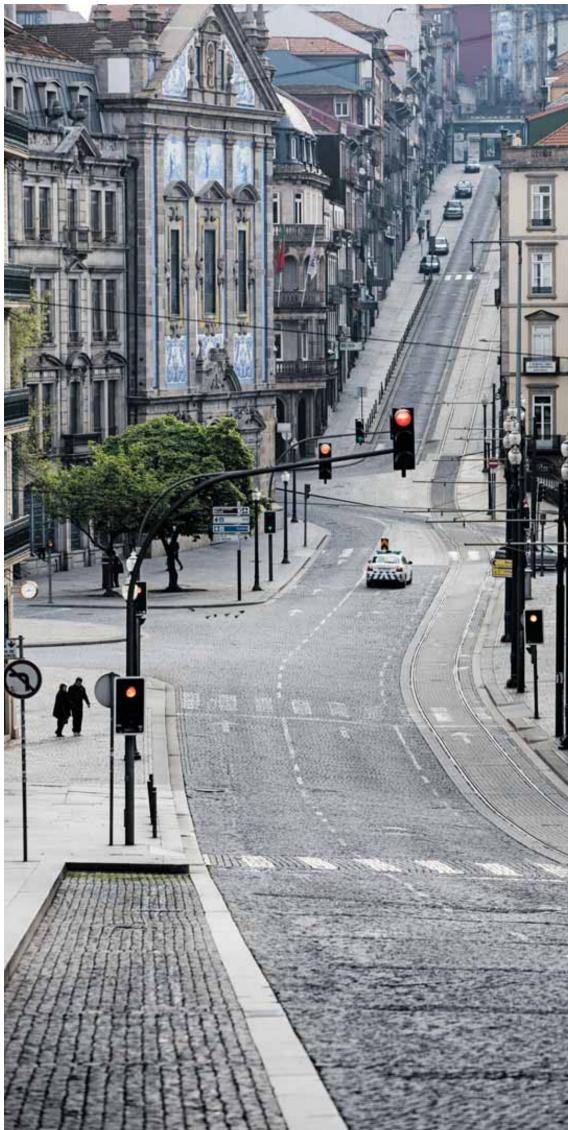
A antítese da cidade
À direita, final da Rua dos Clérigos e Rua de 31 de Janeiro, no Porto. Em cima, zona do Castelo vista da Rua de S. Tomé, uma das artérias de Lisboa por onde passam habitualmente milhares de turistas por dia; em baixo, no meio, Praça de D. Pedro IV, no Rossio, Lisboa, um dos pontos nevrálgicos da cidade, agora deserto; mais em baixo, Parque de Monsanto vedado pela Polícia Municipal

RUI GAUDENCIO

NUNO FERREIRA SANTOS

NELSON GARRIDO

PAULO PIMENTA

PAULO PIMENTA

Estado de emergência

O estado de emergência anunciado pelo Presidente da República há uma semana e meia significou algumas limitações às deslocações não-essenciais. À medida que os dias passam desde esse anúncio, a malha vai-se apertando e a polícia pede a quem corre ou passeia nas ruas para voltar para casa. Em cima, condutor numa rua do Porto; em baixo, camas montadas pelo Exército nos pavilhões do Estádio Universitário, em Lisboa, para a eventualidade de ser necessário transportar doentes infectados com o novo coronavírus do Hospital de Santa Maria, que fica perto deste espaço

ADRIANO MIRANDA

MIGUEL MANSO

Acalmia

Nas últimas semanas, as luvas de borracha e as máscaras tornaram-se omnipresentes na imagética do noticiário sobre a pandemia. No topo, Ribeira, Porto, que por estes dias tem conhecido dias raros de acalmia. Em cima, luva numa rua da Maia

Media&Tecnologia

Tecnologia
Quer informação sobre o vírus? Evite informação viral

João Pedro Pereira

Incontáveis estudos têm vindo a demonstrar que as redes sociais, especialmente se usadas de forma acrítica, não são a melhor fonte de informação, seja sobre que tema for. Uma nova análise ao consumo de notícias, feita nos EUA, veio indicar que, também para o caso do coronavírus, aquilo que circula por plataformas como o Facebook e o Twitter pode distorcer factos e, no limite, levar a comportamentos perigosos.

O Pew Research Center, um conhecido *think tank* americano, fez um inquérito que, entre outros factores, dá indicações sobre o grau de informação, bem como a percepção sobre as notícias, entre consumidores que usam sobretudo as redes sociais para se informar (o que pode significar uma mistura de fontes fiáveis de informação e conteúdo duvidoso) e os que obtêm informação maioritariamente por órgãos de comunicação tradicionais.

As discrepâncias surgem logo na percepção sobre o trabalho dos jornalistas. Os que consomem informação sobretudo nas redes sociais são aqueles que parecem confiar menos nos *media*: 30% dos consumidores de informação via redes sociais disseram que a cobertura noticiosa não era muito boa, quase o dobro da média de 17% registada entre todos os inquiridos.

Avaliar o grau de informação de cada um dos tipos de consumidor de notícias pode ser uma tarefa mais complicada. Mas uma das perguntas do inquérito dá uma pista. Entre os consumidores de informação em redes sociais, 43% afirmaram esperar uma vacina para a covid-19 no prazo de um ano a um ano e meio, um intervalo de tempo que está em linha com o que tem sido avançado por vários investigadores e autoridades. Este número fica aquém dos 49% que são a média e muito abaixo dos 77% observados entre os leitores do *The New York Times*, um dos mais respeitados jornais a nível mundial.

A questão sobre a origem do coronavírus também indica maior desconhecimento ou desinformação entre os consumidores das redes sociais: 35% disseram que o vírus foi criado num laboratório e 1% disse que o vírus, na verdade, nem sequer existia – duas afirmações que reflectem teorias conspirativas que circulam *online*.

Parece, no entanto, haver alguma desconfiança saudável: 87% dos que se informam nas redes sociais afirmaram terem visto pelo menos algumas notícias que pareciam ser completamente inventadas e um quarto reconheceu que as fontes de informação que consultavam não estavam a fazer um bom trabalho.

O tipo de informação consumida pode condicionar comportamentos, um factor significativo no caso de uma pandemia, cuja contenção depende, em boa parte, do distanciamento social e outras precauções que cada pessoa consiga levar a cabo. Como em muitos outros temas, o melhor é ir a uma fonte credível. Entre muitas outras opções, há uma página da Organização Mundial de Saúde que desmonta os mitos comuns sobre o vírus. Merece mais atenção do que uma qualquer teoria da conspiração a circular no Facebook.

jppereira@publico.pt

Um inquérito nos EUA mostra que quem se informa sobretudo pelas redes sociais sai quase sempre a perder. O melhor é escolher uma fonte segura

DR

O tipo de informação consumida pode condicionar comportamentos, um factor significativo no caso de uma pandemia

DR

Sugestões de programas novos e antigos que entretanto regressaram para ver durante estes tempos passados em casa, entre o documentário e a ficção

Televisão
Cinco séries que não pode deixar de ver em casa

Rodrigo Nogueira

O nome diz tudo. *Tiger King: Murder, Mayhem and Madness*, nova série Netflix, centra-se em Joe Exotic, que é dono de um jardim zoológico caseiro dedicado a felinos grandes no Oklahoma. É uma personagem impressionante que em 2016 se candidatou, como independente, à presidência dos EUA. A série sobre ele, de Eric Goode e Rebecca Chaiklin, está carregada de surpresas, de tentativas de homicídio, maus tratos a animais, poligamia, e personagens tão coloridas quanto o protagonista, de ex-traficantes de droga metidos no negócio dos animais a viúvas acusadas de terem morto o marido. Ainda para satisfazer a sede de crimes da vida real, na HBO Portugal há *McMillion$*, que chegou ao sexto e último episódio a 6 de Março. Uma criação de James Lee, Hernandez e Brian Lazarte, centra-se num esquema fraudulento para ganhar um jogo de Monopólio da McDonald's entre os anos 1980 e 1990, que envolvia membros da máfia e foi descoberto em 2001.

A mesma plataforma tem também duas séries do canal americano FX. A primeira é uma nova comédia britânica, *Breeders*, baseada na experiência de Martin Freeman, co-criador e protagonista, como pai. Não é uma visão muito positiva da parentalidade, que se apresenta com a ideia de que os pais poderiam morrer pelos filhos, mas também matá-los. Também do FX, há *Pose*, a criação de Steven Canals que acompanha a cultura *ballroom* nova-iorquina, dos bailes de *drag queens* representados no documentário *Paris is Burning*, de Jennie Livingston. A segunda temporada, que acompanha o início dos anos 1990, com uma esperança de que esta cultura marginal se torne *mainstream* graças a *Vogue*, de Madonna, ficou disponível no fim do ano passado.

Ainda na ficção, vai a meio a quinta temporada de *Better Call Saul*, o *spin-off* de *Breaking Bad*, centrado sobretudo no passado de Saul Goodman, o advogado duvidoso interpretado por Bob Odenkirk, um original AMC, cujos episódios se estreiam, semana a semana, à terça, na Netflix.

rodrigo.nogueira@publico.pt

Quarentena Crónica

"Semana dois"

texto de
Marco Neves Ferreira
desenho de
Nuno Saraiva

@quarentenacronica

FINALMENTE! Fim-de-semana. Só me apetece... ficar em casa.

Especialistas dizem que daqui a 9 meses podem nascer várias crianças... de pais separados.

Faça os testes à covid-19 on-line e receba o resultado por correio no prazo de 4 semanas.

Produzir gel desinfectante a partir de aguardente, parece-me muito bem... mas tem de vir em copinhos de chocolate.

Vi o novo episódio de *The Walking Dead*... Adoro estas séries baseadas em histórias verídicas.

Dizem que a fase de mitigação começa agora e é a mais grave... Para mim a mais grave é a fase de mastigação que começou há 2 semanas e não pára.

Fico triste por ver pessoas a celebrar o facto de Boris Johnson estar infectado... Ainda se ele tivesse mais de 60 anos...

DICA PARA A SEMANA:
Se ficar em casa, não conduza.

Vamos todos ficar bem!

Dia de ficar

CINEMA

Capitão Phillips
AXN Movies, 17h42
Abril de 2009. No Índico, a 500 quilómetros da costa da Somália, um porta-contentores norte-americano é atacado por piratas. O experiente capitão Richard Phillips (Tom Hanks) aceita ser feito refém, em troca da liberdade da tripulação, e passa os cinco dias seguintes num pequeno bote salva-vidas com Muse, o jovem chefe do piratas somali. A coragem e o instinto misturam-se com o desespero, em momentos de pura tensão. Com realização de Paul Greengrass e argumento de Billy Ray, um *thriller* psicológico que adapta o livro escrito pelo próprio capitão Richard Phillips, em parceria com o jornalista Stephan Talty. Recebeu seis nomeações para os Óscares.

Million Dollar Baby - Sonhos Vencidos
Fox Life, 22h30
Frankie Dunn é um treinador de boxe que treinou e geriu as carreiras de vários atletas. Mas, depois do doloroso afastamento da filha, Frankie começou a revelar uma dificuldade na aproximação dos outros, restando-lhe apenas o amigo Scrap, um ex-*boxeur* que cuida do ginásio. É então que aparece Maggie (Hilary Swank), uma rapariga que sabe o que quer na vida e que tem uma enorme determinação e uma maior ainda vontade de vencer. Só precisa de um treinador. Realizado por Clint Eastwood, o filme venceu quatro dos sete Óscares para que foi nomeado: melhor filme, realizador, actriz principal (Swank) e actor secundário (Freeman).

Carol
RTP1, 23h18
A jovem Therese trabalha na secção de brinquedos de uma grande loja nova-iorquino, na década de 1950. Um dia, conhece Carol, uma mulher sofisticada em busca de um presente de Natal para a filha. Mais tarde, encontram-se e tornam-se amigas. Com o tempo, a ligação torna-se mais íntima e a amizade converte-se em paixão. Quando a relação se torna evidente, o marido de Carol retalia, exigindo a guarda total da filha. Nomeada para seis Óscares, uma história dramática realizada por Todd Haynes, com Cate Blanchett, Rooney Mara, Sarah Paulson e Kyle Chandler no elenco.

Televisão

lazer@publico.pt

Os mais vistos da TV

Sexta-feira, 27

	%	Aud.	Share
Nazaré	SIC	17,1	28,0
Jornal da Noite	SIC	15,5	25,0
Terra Brava	SIC	13,1	25,4
Primeiro Jornal	SIC	13,0	30,8
Telejornal	RTP1	12,4	20,0

FONTE: CAEM

RTP1	12,2%
RTP2	1,5
SIC	20
TVI	12,2
Cabo	38,3

RTP 1

6.08 Todas as Palavras **6.30** Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **10.30** Eucaristia Dominical **11.32** Unidos ao Clube **11.58** As Idades da Inocência **13.00** Jornal da Tarde **14.29** Faz Faísca **14.57** Grande Revista à Portuguesa **18.15** Jogo de Todos os Jogos **19.59** Telejornal **21.33** I Love Portugal **23.18** Carol **1.24** Web Therapy **2.17** África Colossal **3.10** Televendas

RTP 2

7.00 Euronews **8.00** Espaço Zig Zag **12.16** Nas Profundezas **12.38** Sangue de Lobo **13.05** A Ilha dos Desafios **14.01** Scream Street **14.11** Os Daltons **14.30** Scream Street **14.52** Folha de Sala **14.59** O Comissário Montalbano **16.48** A Grande Travessia **17.18** Caminhos **17.45** 70x7 **18.13** Chegou a Felicidade **19.03** Em Busca do Museu Desconhecido **19.07** Joanna Lumley na Índia **19.56** Uma Maré de Moliço **20.31** Folha de Sala **20.38** A Estagiária **21.30** Jornal 2 **22.02** Página 2 **22.04** Folha de Sala **22.11** Tribunal de Família **23.07** Integral das Sinfonias de Beethoven **0.25** Olhar o Mundo **1.00** Cinemax **2.11** Euronews

SIC

6.30 Malucos do Riso **6.55** Marvels Spider Man **7.15** O11ze **7.40** Uma Aventura... **9.05** Olhó Baião **12.15** Vida Selvagem: Guadiana Selvagem **13.00** Primeiro Jornal **14.15** Fama Show **14.35** Investigação Criminal Los Angeles **15.30** Velocidade Furiosa - Ligação Tóquio **17.20** Rei Artur: A Lenda da Espada **19.25** Não Há Crise **20.00** Jornal da Noite **21.25** Isto É Gozar Com Quem Trabalha **22.00** 24 Horas de Vida **23.00** A Dona do Pedaço **23.50** Levanta-te e Ri **1.25** Big Game - Instinto Caçador **3.00** Encalhado no Amor **4.30** Televendas

TVI

6.00 Batanetes **6.19** Todos Iguais **6.52** Campeões e Detectives **8.12** O Bando dos Quatro **9.34** Detective Maravilhas **11.12** Missa **12.30** Mesa Nacional **13.00** Jornal da Uma **14.17** Conta-me Como És: **15.07** Zambujo & Araújo - 28 Noites no Coliseu **17.37** Pesadelo na Cozinha **19.13** Ver p´ra Crer **19.57** Jornal das 8 **21.57** Mental Samurai **23.20** Roast José Castelo Branco **1.10** Querido, Mudei a Casa! **2.00** Não Há Culpa nem Desculpa! **3.32** Defesa à Medida

TVCINE TOP

9.15 Aperta Aperta com Elas **10.55** O Corvo Branco **13.05** Tiro e Queda **14.25** Johnny English Volta a Atacar **15.55** Captain Marvel **18.00** Peppermint **19.45** O Ben Está de Volta **21.30** Operação Hummingbird **23.25** White Boy Rick **1.20** Mulher e Marido **3.10** Backtrace **4.50** Uns Pais do Pior

FOX MOVIES

9.11 O Acontecimento **10.37** Dunkirk **12.12** Geostorm **13.50** Eraser **15.34** O Massacre **17.34** Inferno Vermelho **19.14** St. Ives - O Temerário **20.48** Telefone **22.30** Uma Mulher e... Peras! **23.56** Fúria Silenciosa **1.17** Hitman - Agente 47 **2.42** Corrida Mortal **4.17** Blade

CANAL HOLLYWOOD

9.15 Herbie: Prego a Fundo **10.55** Zootrópolis (VO) **12.50** Olha Quem Fala Agora! **14.30** Joy **16.30** Catwoman **18.15** No Limite do Amanhã **20.05** Horas Decisivas **22.00** O Primeiro Encontro **0.00** Três Reis **2.00** O Dia do Juízo Final **3.35** Sem Rumo e sem Remos 2 **5.10** A Força da Verdade

AXN

13.04 The Equalizer **15.21** O Sobrevivente **17.28** Blood Work - Dívida de Sangue **19.33** Homem de Aço **21.55** Confronto de Titãs **23.41** Fúria de Titãs **1.23** Gotti - Um Verdadeiro Padrinho Americano **3.11** Homem-Aranha 3 **5.26** Mentes Criminosas

AXN MOVIES

14.00 Os Goonies **16.00** As Minhas Adoráveis Ex-Namoradas **17.42** Capitão Phillips **19.54** Avozinha **21.15** Cães Danados **22.59** Punisher **0.40** O Amigo do Peito **2.22** The Chateau Meroux **3.52** A Minha Namorada Tem Amnésia **5.23** O Segurança do Shopping

AXN WHITE

13.21 O Rapto de Cleveland **14.56** Natal em Conway **16.40** Mesmo a Tempo do Natal **18.23** Pelo Amor e Pela Honra **19.54** O Intocável **21.25** Águas de Flint **22.57** Cortina de Fumo **0.31** Gabby Douglas: História de Uma Ginasta **2.04** The Halcyon **2.54** The Detail **3.39** A Teoria do Big Bang **4.46** Young Sheldon **5.08** O Mentalista

FOX

10.30 Harry Potter e o Príncipe Misterioso **13.00** Speed - Perigo a Alta Velocidade **15.15** Speed 2: Perigo a Bordo **17.30** O Homem do Tai Chi **19.30** Missão Impossível: Operação Fantasma **22.00** Missão Impossível: Nação Secreta **0.30** Predadores **2.30** The Walking Dead **3.20** Chicago P.D.

FOX LIFE

9.35 Chicago Med **13.22** Nora Roberts: Tributo **14.49** The Dating List **16.49** Vow of Violence **18.35** Porquê Ele? **20.42** Como Despachar Um Encalhado **22.30** Million Dollar Baby - Sonhos Vencidos **0.56** Seis Sessões **2.31** Lei & Ordem: Unidade Especial **5.20** Anatomia de Grey

DISNEY

15.45 Gabby Duran Alien Total **16.10** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **16.35** Sadie Sparks **17.00** Gravity Falls **17.50** Star Contra as Forças do Mal **18.40** Os Green na Cidade Grande **19.25** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **19.47** Sadie Sparks **20.11** Gravity Falls **21.00** Gabby Duran Alien Total **21.23** A Raven Voltou **21.45** Coop & Cami **22.31** Acampamento Kikiwaka

DISCOVERY

17.40 Desmontar a História **19.20** Como Fazem Isso? **21.00** A Febre do Ouro **3.00** A História do Universo **4.30** Desmontando o Cosmos

HISTÓRIA

17.48 A História sem... **19.16** Mistérios por Resolver **21.35** A Maldição de Oak Island **22.57** Alienígenas **23.40** Ovni: Encontros Perigosos **0.58** Titanic, Mistério Resolvido **2.26** A Última Viagem de Cristóvão Colombo **3.58** A Construção de Um Império

ODISSEIA

18.22 A Grande Barreira de Coral com David Attenborough **19.13** Lugares Secretos da Ásia **19.57** Huang's World **20.43** Os Feitos Mais Estranhos das Guerras Mundiais **21.32** Superestruturas **22.23** Quem Vai a Guiar? **23.16** Sex Mundi **0.01** Os Feitos Mais Estranhos das Guerras Mundiais **0.50** Superestruturas **1.42** Quem Vai a Guiar? **2.45** Irlanda Vista do Céu **3.41** Huang's World

SÉRIE

Tribunal de Família
RTP2, 22h11
Estreia da segunda temporada da série britânica sobre família, amor, lealdade e o negócio dos divórcios. Hannah Stern (Nicola Walker) enfrenta não só a exigência dos desafios profissionais, enquanto advogada especialista em separações, como é confrontada com a crise no próprio casamento.

MÚSICA

Zambujo & Araújo - 28 Noites no Coliseu
TVI, 15h07
Em 2016, os cantautores António Zambujo e Miguel Araújo encetaram uma digressão conjunta que os levaria ao título de recordistas de concertos nos coliseus: 15 no de Lisboa e 13 no do Porto (sem contar as salas esgotadas por todo o país). Um espectáculo - ou o melhor dos 28 - para recordar.

DOCUMENTÁRIO

Joanna Lumley na Índia
RTP2, 19h07
A actriz e activista Joanna Lumley é a condutora desta viagem à Índia, o país onde nasceu. É uma jornada com um cunho pessoal, já que as histórias, as gentes, as religiões e os lugares que visita se entrelaçam com episódios da sua própria vida. Hoje, no primeiro dos três episódios que compõem a série documental, parte do sul em direcção aos Himalaias.

INFANTIL

Zootrópolis (V. Orig.)
Hollywood, 10h55
Zootrópolis é um lugar civilizado, povoado por versões antropomórficas de toda a espécie de animais. Um dia, a raposa Nick Wilde é injustamente acusada de um crime. É então que é capturada pela coelha Judy Hopps, jovem agente da polícia recentemente promovida e a quem ainda ninguém dá crédito. Quando ambas percebem que estão a ser vítimas de uma conspiração, vêem-se forçadas a unir forças para provar a sua honestidade. Uma comédia de animação com vozes de Jason Bateman, Ginnifer Goodwin, Kristen Bell, Idris Elba, Shakira, John DiMaggio e Octavia Spencer.

EMDESTAQUE

Família

Vamos ser pais. E agora?

Esta é para quem está à espera de bebé, sobretudo os chamados “pais de primeira viagem”. O actual cenário de incerteza e ansiedade adiciona todo um novo rol de inquietações àquelas que, num momento normal, uma gravidez já desencadearia. Sintam-se aliviados de, pelo menos, uma preocupação: a preparação para o parto e parentalidade. Em www.vamosserpais.pt, encontram um curso de 15 aulas organizadas em sete temas, disponibilizadas gratuitamente pela farmacêutica Bial. São dadas por enfermeiros especializados que protagonizam pequenos vídeos expositivos, complementados por material de apoio e respostas a perguntas frequentes. As questões abordadas vão da vigilância da gravidez aos cuidados com o bebé, passando por técnicas de controlo da dor, sexualidade, licença parental ou amamentação. É um curso bastante completo e detalhado. Só fica a dever às aulas presenciais por não permitir o acompanhamento personalizado e a troca de impressões com outros futuros pais. Em compensação, tem a vantagem de poder ser seguido sem horário marcado, ao ritmo destes novos dias.
Sílvia Pereira

Dança

Outras danças

Com a actividade suspensa até, pelo menos, 6 de Abril, a Companhia Nacional de Bailado (CNB) lança-se a um programa especial, que leva a dança a casa de cada um. Pelo #FicarEmCasaNaNossaCompanhia, pode espreitar os bastidores e ficar a saber como os bailarinos estão a adaptar-se às novas rotinas, seguir alguns dos exercícios partilhados diariamente através de vídeos ou entreter os mais novos com ilustrações criadas para o espectáculo *Planeta Dança* (que por estes dias, no mundo como o conhecíamos, estaria a ser apresentado no Teatro Camões, em Lisboa). Também as histórias e curiosidades sobre artistas, processos criativos e espectáculos que por ali passaram estão disponíveis na colecção *Outras Danças*. No palco, as luzes permanecem acesas: sem hora marcada e directamente do arquivo da companhia, há um espectáculo para ver, com repertório diferente e renovado a cada sete dias. Os títulos das obras são divulgados todas as semanas, através do *site* e das redes sociais da CNB. E porque a dança não se faz só com um, a companhia promove *Mais Danças*, reunindo propostas de outras instituições e ofertas que incluem filmes, documentários e leitura. **C.A.M.**

Festival

É hora de varandear

Hoje, dia 29, às 17h30, a ordem é para arejar. O convite vem do Festival Varandas, que anda desde 2012 a abrir portadas na cidade do Porto, e que agora põe o isolamento e a resistência de braços dados com a solidariedade. Tudo, claro está, sem sair de casa. À semelhança do que já aconteceu em Itália, em Espanha e no Brasil, voluntários da música e da palavra estão à vontade para subir ao palco (que tanto pode ser a varanda como a janela, o pátio ou um logradouro) e mostrar o que lhes vai na alma, fazendo companhia aos vizinhos da rua/bairro. As actuações deverão ter entre 15 e 45 minutos e estão sujeitas a inscrição na conta de Facebook do festival (basta indicar o nome, contacto, tipo de espectáculo e o local). A organização encarregar-se-á de conjugar todas as participações e divulgar os horários de cada actuação nos meios de comunicação e nas redes sociais. As crianças não são esquecidas: para os pequenos artistas, no mesmo formato, há um Varandinha às 11h. **C.A.M.**

Cinema

Quarentena animada

O Cinanima – Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho junta-se ao rol de entidades “em modo serviço público” com o lançamento de um canal aberto na plataforma Vimeo. Aqui estão reunidas mais de duas dezenas de curtas-metragens, integradas no projecto *Crianças Prime1rº*, em que participaram crianças das escolas do primeiro ciclo de Espinho e de Ovar. Além do entretenimento, a partilha dos filmes tem a componente educativa da sensibilização das crianças para a cultura fílmica e do estímulo ao diálogo e ao sentido crítico. Para ver e conversar em https://vimeo.com/showcase/6917864. **C.A.M.**

Actividade

Lugar do Desenho

O Serviço Educativo do Lugar do Desenho lançou o desafio: “Pesquisa na Internet por ‘Pintor Júlio Resende’, escolhe uma imagem e dá asas à tua imaginação! Inspira-te no universo do pintor e faz um desenho, colagem, fotografia, vídeo ou poema”. A iniciativa é dirigida aos mais novos e já começou a encher de cor o mural da fundação que alberga o espólio de cerca de 2000 desenhos do conhecido artista (1917-2011). Para participar, basta publicar os trabalhos no Instagram com a hashtag #soupintorjulioresende, identificando a fundação (@fundacao_julio_resende), ou enviar para info@lugardodesenho.org. **C.A.M.**

QUEM QUER SER MARIONETA DO SISTEMA?

WATCHMEN: A COLECÇÃO

Adrian Veidt embarca numa busca para se redimir do seu crime que matou 3 milhões de pessoas. Acompanhado pelo novo Rorschach e pelo casal Mímico e Marioneta, persegue o Dr. Manhattan até Gotham City. Para a sua missão, recruta os dois homens mais inteligentes do Universo DC: Bruce Wayne e Lex Luthor. Mas também este universo parece estar à beira do colapso. Reveladas as experiências secretas do governo dos E.U.A. para criar os seus próprios meta-humanos, já ninguém confia nos super-heróis. E Veidt ainda vai ter pela frente o homem que todos julgavam morto às suas mãos: o Comediante! Para coleccionar, todos os sábados, uma obra de uma extraordinária densidade psicológica e a mais definitiva desconstrução das histórias de super-heróis de sempre.

Pretende receber o seu livro em casa?
Encomende online em loja.publico.pt, ou através de coleccoes@publico.pt e 808 200 095/ 210 111 020
Quer saber quais os pontos de venda activos na sua área de residência? Ligue para 808 200 095/ 210 1 11 020

VOL. 7
TODOS ESTAMOS LOUCOS
Inclui os capítulos 2-4 de *Doomsday Clock*

+9,90€
EM BANCA
COM O PÚBLICO
P

EM CAPA DURA E COM HISTÓRIAS INÉDITAS EM PORTUGUÊS

DC

TODOS ESTAMOS LOUCOS
WATCHMEN
LEVOIR

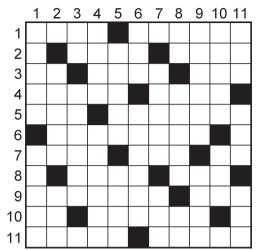
A MAIS ACLAMADA NOVELA GRÁFICA DE TODOS OS TEMPOS

Colecção de 10 volumes, 6 dos quais inéditos em português. PVP unitário: 9,90 €. Preço total da colecção:99 €.
Periodicidade semanal ao sábado, entre 15 de Fevereiro e 18 de Abril de 2020. Stock limitado.

Jogos

CRUZADAS 10.931

HORIZONTAIS: 1. Terra alagadiça. Dentadura postiça. **2.** Comissão Europeia. Da nação. **3.** Neste lugar. Coluna monolítica destinada a ter inscrição. **4.** Alternativa. Banido. **5.** Ente. Como Eva no Paraíso. Raiva. **6.** Ponto da esfera celeste diametralmente oposto ao zénite. Cálcio (s.q.). **7.** Boca de um rio. Aumentar o valor de. **8.** Imposto Municipal sobre Imóveis. Pátria de Abraão. Existe. **9.** Expor pela primeira vez ao público. **10.** Batráquio. Providos. **11.** Cada um dos volumes de uma obra científica ou literária. Troca-tintas (regional).
VERTICAIS: 1. Desordem. Namorico (palavra inglesa). **2.** De dimensão reduzida. Partícula de negação. **3.** Destruição completa. **4.** Juntar. Calado. **5.** Los Angeles (abrev.). Infesto. **6.** Incisão com lanceta. Joeira. **7.** Coisa muito pequena. Declarar ou prometer solenemente. **8.** Lugar onde se arremata o pescado à chegada dos barcos de pesca. Que tem boas cores no rosto. **9.** Amaciar. Lista. **10.** Quentura. Interjeição que exprime admiração. Sociedade Anónima. **11.** Fileira. Em posição inferior à de outrem.

Depois do problema resolvido encontre o provérbio nele inscrito (4 palavras).

Solução do problema anterior:
HORIZONTAIS: 1. Arquejar. Da. **2.** Lei. Parecer. **3.** AM. Bocado. **4.** Sacada. Emir. **5.** Talo. Ena. **6.** Fera. NOITE. **7.** Letra. **8.** Epilogar. Se. **9.** Serena. Apor. **10.** Cr. Agre. Aba. **11.** Aiola. Mirar.
VERTICAIS: 1. Alas. Fresca. **2.** Remate. Peri. **3.** QI. Carpir. **4.** Bala. Leal. **5.** Epodo. LONGA. **6.** Jaca. Negar. **7.** Ara. Nota. Em. **8.** Rede. Irra. **9.** Cometa. Par. **10.** De. INE. Soba. **11.** Arara. Gerar.
TÍTULO DO FILME: Longa Noite.

CRUZADAS BRANCAS

HORIZONTAIS 1. O ponto mais fundo de um rio, onde não se tem pé. Mata vedada, murada. **2.** Bago do cacho da videira. Dotes naturais. **3.** Voz do gato. Vagaroso. **4.** Bílis. Oferecer. Gracejar. **5.** Manchas escuras ou azuladas, em volta dos olhos. Nociva. **6.** Serve para chamar ou saudar (interj.). Meio e modo de locomoção, através do ar. **7.** Sódio (s. q.). Fio de urdidura. **8.** Fileira. Modo de dizer. O meridiano. **9.** Cidade capital de Portugal. Sufixo diminutivo. **10.** Óxido ou hidróxido de cálcio. Flexão feminina de ele. **11.** Arquipélago formado por nove ilhas, situado no Atlântico Norte. Que é feito de cobre, de bronze ou de arame. **VERTICAIS 1.** O p grego. Forno grande. **2.** Doçura (fig.). Naquele lugar. **3.** Espigão de metal ou de pedra que termina inferiormente o eixo do rodízio. Nojo. **4.** Célula que resulta da fecundação dos gâmetas. Nome da letra L. Móvel onde se guardam bebidas. **5.** Dilatação do coração e das artérias. **6.** Grande massa de água salgada. Corda de reboque. **7.** Veneravam. **8.** Designa várias relações tais como causa, modo, tempo, meio, etc. (prep.). Emissão de voz. Designa afirmação (interj.). **9.** Grande afeição. Impedir. **10.** Anuência. Caminho orlado de casas dentro de uma povoação. **11.** Afável. Molibdénio (s. q.).

HORIZONTAIS: 1. Pego, Tapada. **2.** Uva, Dom. **3.** Mio, Moroso. **4.** Fel, Dar, Rir. **5.** Olheiras, Má. **6.** Olá, Voo. **7.** Na, Estambre. **8.** Ala, Tom, Sul. **9.** Lisboa, Ota. **10.** Cal, Ela. **11.** Açores, Éreo.
VERTICAIS: 1. Pi, Fornalha. **2.** Mel, Ali. **3.** Guilho, Asco. **4.** Ovo, Ele, Bar. **5.** Diástole. **6.** Mar, Toa. **7.** Adoravam. **8.** Por, Som, Olé. **9.** Amor, Obstar. **10.** Sim, Rua. **11.** Amorável, Mo.

XADREZ

AP Kuznetsov
1º prémio, 1955
(As brancas ganham)

SOLUÇÃO:
1.d6!
[1.dex6? b4! 2.cxb4 Bxb4 3.e7 Bxe7 4.Bxe7 Rg4]
1...Bxd6+!
[1...b4 2.d7! bxc3 3.Bh4! Bb4 4.Rb6 c2 (4...Be7 5.Bxe7 c2 6.Ba3) 5.d8=D c1=D 6.Dg5#]
[1...Bg7 2.d7 Bxc3 3.Rb6! Bd4+ 4.Rxa6 Be5 (4...c3 5.Bh4!) 5.Rb6! Bd4+ 6.Rxb5]
2.Rxd6 b4! 3.cxb4 e5!
[3...c3 4.Bf6 c2 5.Bb2]
4.Rxe5 c3 5.Rf5!! c2 6.Bg5!
[6.g4+? fxg3 7.Bg5 g2]
6...c1=D 7.g4+! fxg3 8.Bxc1 g2 9.Be3
1 – 0

SUDOKU

Problema 9636
Dificuldade: Fácil

Solução do problema 9634

8	4	6	1	9	7	2	3	5
7	1	9	2	5	3	8	4	6
2	3	5	4	8	6	7	1	9
1	6	7	3	4	9	5	2	8
3	2	8	7	1	5	6	9	4
9	5	4	6	2	8	1	7	3
6	7	2	5	3	4	9	8	1
4	9	1	8	6	2	3	5	7
5	8	3	9	7	1	4	6	2

Problema 9637
Dificuldade: Muito difícil

	7				3	1		
			6	8				5
4								
2			5		7		6	
	1						7	
	9		4		2			8
								2
6				5	9			
		8	3				1	

Solução do problema 9635

6	3	1	5	2	8	4	9	7
8	7	9	6	4	3	1	2	5
4	2	5	9	7	1	8	3	6
3	9	7	1	5	2	6	4	8
1	5	6	8	9	4	3	7	2
2	8	4	3	6	7	9	5	1
9	4	2	7	8	6	5	1	3
7	1	8	4	3	5	2	6	9
5	6	3	2	1	9	7	8	4

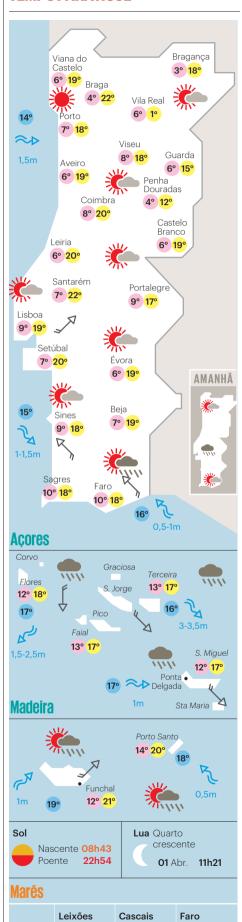
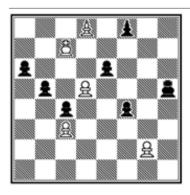
FARMÁCIAS

Porto - Serviço Permanente **Vitália** - Pç. da Liberdade, 37 - Tel. 222004133 **Lousada** - R. do Campo Lindo, 52 - Tel. 225020353 **Vila Nova de Gaia - Serviço Permanente** **Filomena** (Canelas) - Praceta da Lagarteira, 46 - Tel. 227118475 **Matosinhos - Serviço Permanente** **Gramacho** - R. de Pinto Araújo, 4 (Leça da Palmeira) - Tel. 229951783 **Coimbra - Serviço Permanente** **Donato** - Estrada dos Covões, Bloco G-S, Martinho do Bispo - Tel. 239812444 **Nazareth** (São Bartolomeu) - R. de Ferreira Borges, 135/9 - Tel. 239822605 **Braga - Serviço Permanente** **Brito** (São João do Souto) - Av. da Liberdade, 777 - Tel. 253262685 **Outras Localidades - Serviço Permanente** **Águeda** - Nogueira Janeiro **Aguiar da Beira** - Dornelas , Portugal **Albergaria-a-Velha** - Ferreira Janeiro **Alfandega da Fé** - Graça **Alijó** - de Favaios (Favaios) , Espirito Santo Ldª (Sanfins do Douro), Nova Vilar de Maçada (Vilar de Maçada) **Almeida** - Cunha , Moderna (Vilar Formoso) **Amarante** - Campo da Feira (São Gonçalo) **Amares** - Marques Rego (Ferreiros) **Anadia** - Central (Ancas/Paredes do Bairro) **Arcos de Valdevez** - Da Lapa **Arganil** - Galvão **Armamar** - Batista Ramalho **Arouca** - Gomes de Pinho **Aveiro** - Higiene (Esgueira) **Baião** - Barbosa (Campelo) , Rocha Barros (Eiriz) **Barcelos** - Moderna **Boticas** - Galaico, Lda. **Bragança** - Confiança **Cabeceiras de Basto** - Moutinho **Caminha** - Torres , Moderna (Vila Praia de Âncora) **Cantanhede** - Seixo **Carrazeda de Ansiães** - Veiga **Carregal do Sal** - Moderna **Castelo de Paiva** - Central , Pinho Lopes (Oliveira do Arda), Marques Lopes (Santa Maria de Sardoura) **Castro Daire** - Gastão Fonseca **Celorico da Beira** - Barreiros **Celorico de Basto** - Neves Ferreira **Chaves** - Paula Files **Condeixa-a-Nova** - Rocha **Espinho** - De Anta (Anta) **Esposende** - Monteiro **Estarreja** - Campos **Fafe** - De Quinchães (Quinchães) **Felgueiras** - Mendes **Figueira da Foz** - Da Tamargueira **Figueira de Castelo Rodrigo** - Moderna **Fornos de Algodres** - Castanheira **Freixo de Espada à Cinta** - Guerra **Góis** - Coroa , Santiago, Frota Carvalho (Vila Nova do Ceira) **Gondomar** - Central (Valbom) **Gouveia** - Feliz , Central (Melo - Gouveia), Albuquerque (Moimenta da Serra), Martins (Vila Nova de Tazem) **Guarda** - Central **Guimarães** - Avenida **Ílhavo** - Diniz Gomes **Lamego** - Santos Monteiro **Lousã** - Torres Padilha (Serpins) **Lousada** - Ribeiro S.A **Macedo de Cavaleiros** - Nova **Maia** - Moreira Barros (Àguas Santas) **Mangualde** - Espinho Petrucci , Beirão (Chãs de Tavares) **Manteigas** - Ascensão **Marco de Canavezes** - Abílio de Miranda e Filho **Mealhada** - Brandão **Meda** - Pereira **Melgaço** - Durães **Mesão Frio** - Ferreira **Mira** - Pisco **Miranda do Corvo** - Antunes , Borges (Semide - Miranda do Corvo) **Miranda do Douro** - Miranda (Mirando do Douro) **Mirandela** - Bragança **Mogadouro** - Nova **Moimenta da Beira** - Moderna , César (Leomil) **Monção** - Vale de Mouro (Tangil) **Mondim de Basto** - Nova Mondim **Montalegre** - Canedo **Montemor-o-Velho** - Natário (Verride) **Mortágua** - Abreu **Murça** - Nossa Senhora de Fátima **Murtosa** - Portugal **Nelas** - Da Misericórdia (Santar) **Oliveira de Azemeis** - Moderna **Oliveira de Frades** - Oliveirense **Oliveira do Bairro** - Sanal **Oliveira do Hospital** - Nova D'Oliveira **Ovar** - Carmindo Lamy **Paços de Ferreira** - Antero Chaves **Pampilhosa da Serra** - do Zêzere (Dornelas do Zêzere) , Central **Paredes** - Central de Rebordosa (Rebordosa) **Paredes de Coura** - Ribeiro **Penacova** - Penacova **Penafiel** - Regina **Penalva do Castelo** - Claro **Penedono** - Rua **Penela** - Penela **Peso da Régua** - Arrochela **Pinhel** - Nova de Pinhel , Da Misericórdia (Alverca da Beira), Moderna (Pínzio) **Ponte da Barca** - Saúde **Ponte de Lima** - Cerqueira **Póvoa de Lanhoso** - S. José **Póvoa de Varzim** - Portas do Parque (Beiriz) **Resende** - Nova de Resende (Lugar do Paço) **Ribeira de Pena** - De Cerva (Cerva) , Borges de Figueiredo **Sabrosa** - Macedo Morais , Vieira Barata **Sabugal** - Aldeia Velha (Aldeia Velha) , De S.Miguel (Cerdeira do Coa), Higiene (Souto) **Santa Comba Dão** - Carrilho , Sales Mano (S.João de Areias) **Santa Maria da Feira** - Sousa **Santa Marta de Penaguião** - Santa Eulália (Cumieira) , Douro (Santa Marta Penaguião) **Santo Tirso** - Vilalva **São João da Madeira** - Estação **São João da Pesqueira** - Ferronha e Silva (Ervedosa) **São Pedro do Sul** - Da Misericórdia **Sátão** - Carvalho (Avelal) , Santo André (Lamas) **Seia** - Coelho , Popular (Loriga), Paranhense (Paranhos da Beira), Neves Rodrigues (Pinhanços), do Alva (Sandomil), De São Romão (São Romão) **Sernancelhe** - Confiança , Mota (Vila da Ponte) **Sever do Vouga** - Martins **Soure** - Soure **Tábua** - Quaresma (Mouronho) **Tabuaço** - Confiança **Tarouca** - Augusta (Salzedas) , Moderna **Terras de Bouro** - Alvim Barroso (Covas) **Tondela** - Tomás Ribeiro **Torre de Moncorvo** - Avenida **Trancoso** - Macedo de Crespo , Pereira (Vila Franca das Naves) **Trofa** - Trofense **Vagos** - Tavares **Vale de Cambra** - Teixeira da Silva **Valença** - Jardim **Valongo** - Travagem (Ermesinde) **Valpaços** - Nova de Valpaços **Viana do Castelo** - Nelsina **Vieira do Minho** - Martins **Vila do Conde** - Normal **Vila Flor** - Vaz **Vila Nova de Cerveira** - Cerqueira, Suc. , Nova de Cerveira **Vila Nova de Famalicão** - Gavião (Picoto) **Vila Nova de Foz Côa** - Barreira **Vila Nova de Gaia** - Gaia Jardim **Vila Nova de Paiva** - Galénica **Vila Nova de Poiares** - Martins Pedro (S.Miguel de Poiares) , Santo André **Vila Pouca de Aguiar** - Central **Vila Real** - Lordelo (Lordelo) **Vila Verde** - Fátima Marques **Vimioso** - Liberal , Ferreira (Argozelo) **Vinhais** - Afonso , de Rebordelo (Rebordelo) **Viseu** - Oliveira **Vizela** - São Miguel (Caldas de Vizela) **Vouzela** - da Torre (Alcofra) , Ana Rodrigues Castro (Campia), Teixeira **Cinfães** - Nova de Cinfães **Vagos** - Viva **Vouzela** - Vieira

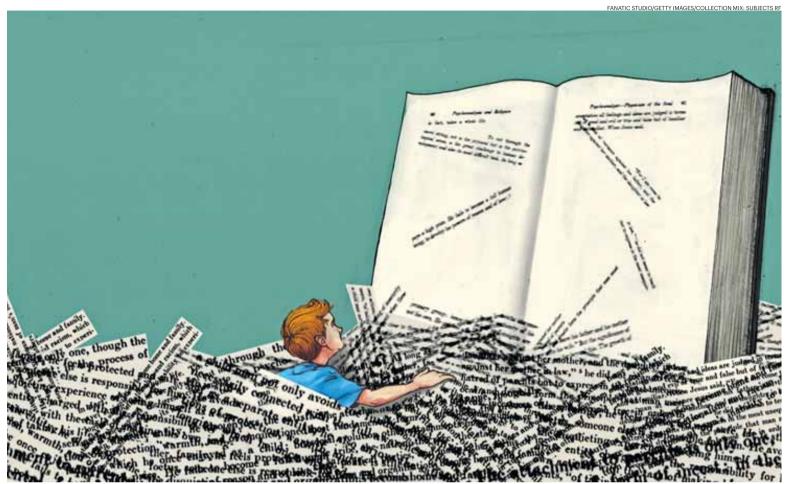
TEMPO PARA HOJE

Sol
Nascente 08h43
Poente 22h54

Lua Quarto crescente
01 Abr. 11h21

Marés

	Leixões		Cascais		Faro	
Preia-mar	06h31	▲ 3,1	06h06	▲ 3.1	06h11	▲ 3,0
	18h46	▲ 3,0	18h23	▲ 3.0	18h28	▲ 2,9
Baixa-mar	12h33	▼ 1,0	12h06	▼ 1.1	11h59	▼ 1,0
	00h55*	▼ 1,0	00h29*	▼ 1.2	00h21*	▼ 1,0

Fonte: www.AccuWeather.com
*de amanhã

Estar bem

FANATIC STUDIO/GETTY IMAGES/COLLECTION MIX: SUBJECTS RF

Encerramento das escolas: qual o custo para as crianças com perturbações da aprendizagem

As escolas parecem estar a adaptar-se à conjuntura e à imprevisibilidade das próximas semanas, adotando novas modalidades de ensino à distância com bastante empenho e dedicação

Sílvia Lapa

À medida que a pandemia do coronavírus alastra, vários países viram as suas escolas a serem encerradas por tempo indeterminado. A UNESCO estima que cerca de metade de todos os estudantes do mundo, dos vários níveis de ensino, estejam a ser afetados por esta paragem.

Não existem estudos sobre o impacto nas aprendizagens e competências dos alunos de uma interrupção escolar devido a pandemia – é algo completamente novo. Mas existem estudos sobre o impacto das férias escolares, de cerca de três meses, e são unânimes em assumir uma perda nas capacidades leitoras, nas competências matemáticas e nas funções da escrita.

As escolas parecem estar a adaptar-se à conjuntura e à imprevisibilidade das próximas semanas, adotando novas modalidades de ensino à distância com bastante empenho e dedicação. Por outro lado, algumas famílias mostram-se sobrecarregadas ao tentar manter o ritmo, ora porque não têm recursos (computador, impressora, Internet disponível para alguns ou todos os membros do agregado familiar), ora porque não têm tempo (a repartir entre o trabalho doméstico, o ensino dos filhos e o seu próprio trabalho), ora porque não dominam as matérias e as estratégias de ensino necessárias.

Sobre o efeito da interrupção letiva na educação, colocam-se desde logo duas questões: 1) a desigualdade no acesso a recursos digitais de famílias de diferentes classes económicas; e 2) a desvantagem pessoal, escolar e funcional que se pode acentuar no caso das crianças com perturbações da aprendizagem. As desvantagens da interrupção das atividades letivas são claramente desproporcionais para alunos provenientes de meios desfavorecidos, assim como para alunos com dificuldades académicas.

Vejamos o caso dos alunos com dislexia, que em situação normal já partem em situação de desvantagem. A dislexia é uma perturbação específica da aprendizagem, de base linguística e que se manifesta ao longo da vida. Tem na sua origem um défice fonológico que se reflete em dificuldades de descodificação, fluência leitora e escrita. Os alunos com dislexia revelam menos autonomia, demoram mais tempo a completar trabalhos devido à baixa fluência leitora e mobilizam um esforço muito superior ao dos seus pares para levar a cabo tarefas escolares. Para além de o ensino à distância limitar bastante a supervisão e o apoio diferenciado que o professor pode prestar, estes alunos ficaram ainda na maior parte dos casos privados das terapias e apoios pedagógicos que tinham, agravando as suas dificuldades.

Na convicção de que os tempos atuais impõem um desafio acrescido às crianças com perturbações da aprendizagem e suas famílias, aqui ficam algumas propostas para minimizar o retrocesso nas aprendizagens:

Aos pais:
Crie um caderno da quarentena. Aproveite um caderno ou dossier que tenha em casa deixe que a criança o decore a seu gosto e comecem a registar os trabalho feito: fichas, leitura, produção escrita, desenhos, etc. Este documento poderá ser um registo útil para os professores, além de ser um registo pessoal histórico;

Mantenha as expectativas altas com objetivos razoáveis, claro. A dislexia não define o seu filho e ele tem uma capacidade para se adaptar que o pode surpreender;

Aceite dias-não. Dias-não são dias em que nada parece resultar e em que a leitura, por exemplo, que já costuma ser hesitante, se apresenta extremamente difícil. Seja paciente, positivo e recorde ao seu filho que amanhã voltarão a tentar. Esta inconsistência é comum na dislexia;

Comunique e peça ajuda. Contacte sempre que possível os professores e outros técnicos que habitualmente acompanham o seu filho. Peça estratégias, material e ideias para dar seguimento aos objetivos individuais em curso;

Leia com o seu filho diariamente. Este ponto pode ser difícil, mas está provado que é uma das medidas com maior efeito. Pode ler de tudo um pouco: revistas, banda desenhada, enciclopédias ilustradas, livros pequenos e grandes. O importante é manter a rotina de leitura e já agora dê você mesmo o exemplo, lendo;

Aproveitem o Dia Internacional do Livro Infantil (2 de Abril) e procurem um recurso diferente: audiolivros, *ebooks* ou até a leitura de uma história por algum autor no YouTube. Estes materiais são acessíveis para as crianças com dislexia e promovem a literacia e a linguagem em geral.

Aos professores:
Recorra aos colegas, à equipa multidisciplinar de apoio à educação inclusiva do professor de apoio e criem atividades adaptadas que permitam a prática diária e a continuação da promoção dos vossos objetivos;

Consultem os pais para saber se é preciso ajustar o trabalho fornecido. Às vezes, mais não é melhor;

Acreditem que o vosso trabalho mais do que nunca é fundamental e pode fazer a diferença, inspirem-se, motivem-se e motivem os outros. E, já agora, obrigada.

A todos, confiem que o tempo em família e as interações que se mantêm são promotoras do desenvolvimento da linguagem e por isso têm um efeito benéfico nas aprendizagens.

Terapeuta da fala, técnica de Educação Especial do CADIn

Esta crónica é para Filipa, para todas as Filipas

Maria João Lopes

A Filipa era uma das minhas melhores amigas na escola primária, em Guimarães. Depois das aulas, passávamos as tardes a brincar. É uma pena, mas não tenho comigo em Lisboa uma fotografia nossa, ainda no infantário, as duas mascaradas no Carnaval, eu de Capuchinho Vermelho, ela de enfermeira, ou de médica, talvez fosse de enfermeira, tinha uma capa azul e, se a memória não me falha, uma malinha de primeiros socorros na mão. Engraçado pensar nisto agora, eu escrevo livros infantis, ela tornou-se anestesiologista. Sempre foi inteligente, boa aluna, esperta.

Já não somos as melhores amigas há muitos anos, já não vivemos na mesma cidade. Ela vive em Braga, eu em Lisboa, ela trabalha num hospital, é uma das profissionais do Serviço Nacional de Saúde. De vez em quando, muito de vez em quando, lá nos vemos. Temos grupos de amigos no WhatsApp, vamos sabendo uma da outra. Ela casou-se com um anestesiologista, tem três filhos. Um de sete anos, outro de cinco e uma menina de dois.

Calhou, nestes dias estranhos, falarmos por telefone. Perguntei-lhe como estava, tentei perceber como fazia com os miúdos, o medo disto tudo, a confusão destes tempos. Ela não se pode fechar em casa, ela tem de ir. Quando esta crónica for publicada, a Filipa e o Tiago já tomaram a difícil decisão: deixar os filhos com os avós e dedicarem-se ao trabalho. Muito provavelmente, a Filipa só vai voltar a ver os filhos quando tudo isto passar.

Havia outras hipóteses, mas nenhuma era boa. Dizia-me a Filipa: "Nós decidimos assim. Teve de ser uma decisão rápida. A mais pequena vai para casa dos meus pais, os mais velhos para casa da minha sogra." Foram numa altura em que o casal, os dois médicos, sabia não estar infectado. Se a decisão fosse protelada, essa margem de segurança desvanecer-se-ia. A mudança aconteceu, por isso, no domingo passado ao fim da tarde.

Depois desse passo, passarão 15 dias ou um mês até ir buscar a miudagem. Acontecerá "quando esta fase difícil acabar", explicou-me. Ela não sabe bem quando, depende de como tudo isto evoluir. "Vou ter muitas saudades, claro que vou. Se quiseres, liga-me daqui a uma semana ou duas e eu digo-te como está a ser."

A Filipa é médica e optou por só voltar a ver os filhos quando tudo isto passar

Eu e a Filipa já não somos as melhores amigas há muitos anos, mas eu sei o que a move: o amor aos filhos, o amor à família, mas também, porque ela mo disse, um amor ao Sistema Nacional de Saúde. Um amor e, sobretudo neste momento, um tem de ser.

Bem sei que os profissionais de saúde não querem palmadas nas costas, mas condições. Não querem ser heróis, mas fazer bem o que tem de ser feito. Ainda assim, e porque aquela amizade de infância talvez mo permita, arrisco: esta crónica é toda para a Filipa. Para todas as Filipas, médicos, enfermeiros e outros profissionais que trabalham na área da saúde.

Não tenho comigo em Lisboa a fotografia daquele Carnaval longínquo. Todos encostados à parede numa das salas do nosso infantário, índios, *cowboys* e princesas. A minha amiga estava muito séria na sua fatiota. Muito compenetrada nos seus cinco anos. Um dia, quando tudo isto passar, ainda vos mostro esse retrato.

mjlopes@publico.pt

NELSON GARRIDO

Ensaio

O tempo suspenso

Metamorfoses
Álvaro Domingues

O tempo, como o Mundo, tem dois hemisférios: um superior e visível, que é o passado, outro inferior e invisível, que é o futuro. No meio de um e outro hemisfério ficam os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que imos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa. Desde este ponto toma seu princípio a nossa História, a qual nos irá descobrindo as novas regiões e os novos habitadores deste segundo hemisfério do tempo, que são os antípodas do passado. Oh que de cousas grandes e raras haverá que ver neste novo descobrimento! **(1)**

Há muito quem pense que uma auto-estrada é como as linhas que dividem o mundo. Assim são as fronteiras: de um lado, uma coisa e, do outro lado, outra, assunto que dá logo a entender que serão coisas opostas, incompatíveis, execrável uma na mente da outra.

Em vez de linha, muro ou fronteira, a auto-estrada combina esse efeito de descontinuidade com o seu exacto contrário: em si mesma é um corredor de relação, uma corrente de ar asfaltada por onde viaja o tempo acelerado.

Provoca tanta agitação esse maquinismo que é preciso isolá-lo para garantir algum conforto a quem assiste de perto (mesmo que não queira). Por isso correm cinturões metálicos a todo o comprimento do acelerador de partículas – de um lado e do outro para evitar que a vertigem, desalinhada, fora do caudal, se vá precipitar para as margens, projectando-se nos outros mundos mais sossegados que para lá estarão. Ao centro, outra barreira, para que a frenética procissão que de uma banda corre para um lado em duas faixas e da outra, para o oposto, encontre ali um separador, algo que evite males maiores, choques frontais, pensamentos e desgraças em contramão.

Vem depois a acústica, a física do desassossego sonoro capaz de moer uma cabeça inteira em minutos, ou nem isso, o descentramento, aquele zumbir contínuo ou incerto que perturba qualquer outra sonoridade, seja ela murmúrio, luz, contemplação, atenção ao outro ou introspecção. O roncar dos motores insinua-se ao longe como uma presença longínqua e estatela-se, depois, nos tímpanos como uma buzina distorcida, misturando frequências sonoras emitidas e percebidas, reais e aparentes, descasos face à deslocação da fonte de ruído ou de quem o ouve, uma confusão, uma barulheira, uma tortura.

Por isso se colocam grandes barreiras azuis e brancas, às riscas, traçados longitudinais para fazerem eco do movimento que anima o asfalto. A espaços, a barreira é transparente, pintada, por vezes, com silhuetas de aves de rapina para a outra passarada esbaforida não se aproximar dali, sabe-se lá contra um camião ou contra a própria barreira transparente. Está quase.

Eis senão quando aparece uma casa empoleirada na colina, aquilo que muitos denominam o sossego de um lar. É muito difícil nestas circunstâncias. Não havendo barreira, o ruído entranha-se por baixo das telhas, na espessura mais bruta das paredes, na espuma das almofadas, na vibração das janelas. Se a barreira for opaca (mesmo que generosamente azul e às riscas, como certos panos e telas que fazem lembrar a maresia), toldam-se as vistas, cerram-se as sombras, escurece, interrompe-se a continuidade dos arvoredos, fecha-se a nesga para um olhar mais ao largo, um sol que nasça mais cedo ou que mais tarde desapareça sem tintas avermelhadas de poentes românticos. Por isso se agigantam as barreiras e se tornam transparentes lá no alto, para que as janelas das casas espreitem, para que respirem e, como aparições velozes, passem em cinema acelerado pelas janelas e pelos espelhos dos automóveis.

> *Porque o presente se vai devorando a si mesmo na fúria dos acontecimentos, no espanto, é o futuro que entra em crise*

Nestes dias que correm, os dias do tempo suspenso, é difícil encontrar horizontes largos, janelas rasgadas à luz, imagens que se exponham à torrente das palavras e que não se atropelem, não se repitam a todo o instante tornado presente contínuo, e não se acumulem nessa condição de amontoado de coisas simultâneas, tremendas. É o que vemos: cada acontecimento confina-se na sua própria ocorrência para mais tarde emergir e ligar-se a outros acasos fortuitos, sem fio condutor, sem narrativa. Porque ainda é absolutamente novo e curto o tempo desta existência, não nos é dado saber a que paragens irá desaguar, como poderá conservar ou modificar a sua substância e condição. Porque o presente se vai devorando a si mesmo na fúria dos acontecimentos, no espanto, é o futuro que entra em crise.

Ouvirá o Mundo o que nunca viu, lerá o que nunca ouviu, admirará o que nunca leu e pasmará assombrado do que nunca imaginou..., escreveu António Vieira na sua *História do Futuro*, um porvir onde se instauraria um novo e último tempo: mil anos de prosperidade, um império de paz e fé cristã num mundo sem fronteiras. Acertou no esbatimento de algumas fronteiras, mas errou em tudo o resto.

Faltam as palavras para ficcionar os acontecimentos que se sucedem em séries truncadas que não deixam ver para a frente. Sem ficções, a realidade é como um labirinto de acontecimentos a que falta um modo de apresentação, um encadeamento. Repetem-se as mesmas histórias, somam-se quantidades, procuram-se outras geografias para repisar os mesmos casos, as mesmas imagens, os mortos, os aflitos.

Em sonhos, pensam muitos que é uma maldição, mas o crepitar do presente não cessa, a agitação do tempo não estanca, a última estatística, a escalada, o pico, o que não vai abrir ou fechar, o prazo, o que nunca se tinha pensado; sem medida, o futuro imperfeito, assombrado.

ÁLVARO DOMINGUES

1. Padre António Vieira (1718), *História do Futuro – livro anteprimeiro*. Lisboa: J.M.C. Seabra & T.Q. Antunes Ed., 1855, p. 10

Geógrafo. Professor da FAUP